



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE ENGENHARIA FLORESTAL**

Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais

**ETNOBOTÂNICA E SABERES TRADICIONAIS NA COMUNIDADE
VALE DOS SONHOS. BARRA DO GARÇAS, MATO GROSSO - BRASIL**

FABÍOLA DALLA VECHIA

CUIABÁ/MT 2019

FABÍOLA DALLA VECHIA

**ETNOBOTÂNICA E SABERES TRADICIONAIS NA COMUNIDADE VALE
DOS SONHOS. BARRA DO GARÇAS, MATO GROSSO - BRASIL**

Orientador: Prof^a. Dra. Maria Corette Pasa

Co-orientador: Prof^a. Dra. Flora Ferreira Camargo

Dissertação apresentada a Faculdade de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais para obtenção do título de Mestre.

CUIABÁ - MT

2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS FLORESTAIS E AMBIENTAIS
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT
Tel : 3615-8685/3615-8641 - Email : secpgcfa@ufmt.br

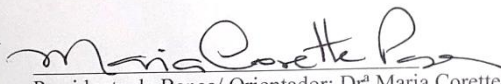
FOLHA DE APROVAÇÃO

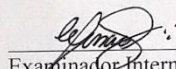
TÍTULO : "Etnobotânica e saberes tradicionais na comunidade Vale Dos Sonhos, Barra Do Garça - MT."

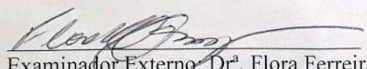
AUTOR : Fabíola Dalla Vechia

Dissertação defendida e aprovada em 13/03/2019.

Composição da Banca Examinadora:


Presidente da Banca/ Orientador: Dr^a Maria Corette Pasa
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso


Examinador Interno: Dr. Edlley Max Pessoa da Silva
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso


Examinador Externo: Dr^a. Flora Ferreira Camargo
Instituição: Faculdade Cathedral

Cuiabá, 13/03/2019

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

D144e Dalla Vechia, Fabiola.
ETNOBOTÂNICA E SABERES TRADICIONAIS NA
COMUNIDADE VALE DOS SONHOS. BARRA DO
GARÇAS-MT, BRASIL / Fabiola Dalla Vechia. -- 2019
75 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Maria Corette Pasa.

Co-orientador: Flora Ferreira Camargo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato
Grosso, Faculdade de Engenharia Florestal, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais,
Cuiabá, 2019.

Inclui bibliografia.

1. Quintais Produtivos. 2. Plantas Medicinais. 3. Serra do

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

EPÍGRAFE

O Todo é Mente, o Universo é mental! (Hermes Trismegisto, Primeira Lei Hermética).

Tudo que crerdes que receberam, receberão! (Mateus, 21.22).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pesquisadoras e pesquisadores que com muita luta e esforços acreditam no seu trabalho e realizam seus estudos e sonhos!

AGRADECIMENTOS

Aos membros da Banca os Professores Eddlley Pessoa PhD, Dra. Flora Ferreira Camargo e Maria Corette Pasa PhD.

A minha gratidão a todas as professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT.

A Comunidade Vale do Sonhos, através dos informantes, que proporcionaram a execução da pesquisa ao se disporem a participar do estudo,

Aos colaboradores que ajudaram a realizar as entrevistas, Kim e Wellington.

A família e amigos, pelo incentivo e auxílio,

A Faculdade Cathedral pela confiança, apoio e ao incentivo à pesquisa,

A minha eterna gratidão à pessoa que me mostrou o amor e o respeito à pesquisa e ao trabalho Etnobotânico, que incansavelmente me apoiou e nunca me deixou desistir, professora Maria Corette Pasa, uma verdadeira mãe!

Também, e não menos, sou grata à minha ancestralidade, ao Ilé Osumaré Araka/MT e às forças que me trouxeram ao Programa!

Muito Obrigada do fundo meu coração!

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	v
AGRADECIMENTOS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	15
1.1. A INTERAÇÃO DA BIODIVERSIDADE BRASILEIRA.....	15
1.2. SABER TRADICIONAL	15
1.3. COMUNIDADES TRADICIONAIS.....	17
1.4. A ETNOBOTÂNICA.....	20
1.5. AS UNIDADES DE PAISAGENS.....	23
1.5.1. Unidades de Paisagem na Comunidade.....	24
2. MATERIAL E MÉTODOS	29
2.1. Caracterização da área de estudo.....	29
2.2. DELINEAMENTO DA PESQUISA NO CAMPO.....	34
2.2.1 Seleção das residências.....	34
2.2.2 Sujeitos da Pesquisa.....	34
2.2.3 Inventário Etnobotânico.....	34
2.3 TÉCNICAS UTILIZADAS PARA AS ENTREVISTAS.....	34
2.3.1 Pré-teste.....	34
2.3.2 Bola de Neve (<i>snow ball</i>).....	34
2.3.3 Entrevista Semiestruturada.....	34
2.3.4 Turnê Guiada.....	34

2.4	COLETA DE DADOS.....	36
2.5	ANÁLISES ETNOBOTÂNICAS.....	37
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	40
3.1	PERFIL SOCIOECONÔMICO.....	40
3.2	QUINTAIS PRODUTIVOS	40
3.3	DADOS ETNOBOTÂNICOS.....	48
3.3.1	Espécies e Usos registrados.....	48
3.3.2	Etnocategorias de usos na Comunidade.....	52
3.3.3	Meios de aquisição e propagação das plantas.....	57
4	CONCLUSÃO.....	59
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
	APÊNDICES	70
	Apêndice I.....	71
	Apêndice II.....	72
	Apêndice III.....	73

RESUMO

Etnobotânica é um campo interdisciplinar que compreende o estudo e a interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da flora. Objetivou-se registrar e sistematizar a importância etnobotânica em quintais produtivos, por meio do conhecimento empírico na comunidade Vale dos Sonhos – MT. A vertente metodológica se deu através das técnicas etnobotânicas qualitativas e quantitativas. Para o tratamento qualitativo foram aplicadas as técnicas Snow Ball (bola-de-neve), Pré-teste, Turnê-guiada, Entrevista semiestruturada, com registro do nome popular, indicações de usos e formas de usos das plantas. Para testar quantitativamente as informações etnobotânicas foram utilizados índices Nível de Fidelidade (FL) e a Frequência Relativa do Uso (Pcup %). No total foram entrevistados 50 moradores, 60% do sexo feminino. A idade variou de 18 a 83 anos, sendo 42% natural do estado de Mato Grosso. Residem há mais de 40 anos na comunidade 44% dos entrevistados. O grau de instrução variou de não alfabetizados a nível superior. As profissões, para mulheres a maioria do lar e para os homens trabalhos ligados ao campo, nas fazendas da região. Foi encontrada uma riqueza florística de 105 espécies vegetais distribuídas em 45 famílias botânicas, com 1003 citações, nas etnocategorias: alimentar a mais citada e medicinal a mais representada em relação à riqueza. As etnocategorias de usos das plantas na comunidade Vale dos Sonhos com as maiores frequências de citações, em relação à citação por categorias, são, medicinal com 51,42%, alimentar com 48,57%, místico-religiosa (3,8%) e ornamental (1,9). As espécies medicinais com maior Pcup % foram Hortelã (*Mentha x villosa*), mais expressiva (69%), seguido de *Dysphania ambrosioides* (Mentruz) (38%), *Lippia alba* (Mill.) E.Br. ex P. Wilson (erva cidreira), (31%). Na sequência *Plectranthus barbatus* (Boldo), *Rosmarinus officinalis* (Alecrim), *Mentha pulegium* L. (poeijo), *Aloe vera* (Babosa). Foram citadas 36 afecções orgânicas, que são tratadas com plantas medicinais. Os quintais da comunidade Vale dos Sonhos-MT representam uma unidade de paisagem, modificado, representando configurações de valores e simbolismos pelos usos múltiplos. Estes quintais representam um local para a conservação in situ de espécies, como também são locais de propagação de plantas nativas do Cerrado e plantas exóticas.

Palavras-chave: Quintais Produtivos, Plantas medicinais, Serra do Roncador.

ABSTRACT

Ethnobotany is an interdisciplinary field that includes the study and interpretation of knowledge, cultural significance, management and traditional uses of flora elements. The objective was to register and systematize the ethnobotanical importance in productive farms, through empirical knowledge in the Vale dos Sonhos - MT community. The methodological aspect was given through qualitative and quantitative ethnobotanical techniques. For the qualitative treatment, the techniques Snow Ball, Pre-test, Guided Tour, Semi-structured interview, with registration of the popular name, indications of uses and forms of uses of the plants were applied. In order to quantitatively test the ethnobotanical information, Loyalty Level (FL) and Relative Frequency of Use (Pcup%) were used. In total, 50 residents were interviewed, 60% female. The age ranged from 18 to 83 years, being 42% natural from the state of Mato Grosso. For over 40 years, 44% of respondents have lived in the community. The level of education varied from non-literate to higher level. The professions, for women the majority of the household and for the men work connected to the field, in the farms of the region. A floristic richness of 105 plant species distributed in 45 botanical families was found, with 1003 citations, in the ethnocategories: feeding the most cited and medicinal most represented in relation to wealth. The ethnocategories of plant uses in the Valley of Dreams community with the highest frequencies of citations, in relation to the citation by categories, are medicinal with 51.42%, food with 48.57%, mystic-religious (3.8%), and ornamental (1,9). The medicinal species with the highest Pcup% were Mint (*Mentha x villosa*), more expressive (69%), followed by *Dysphania ambrosioides* (Mentruz) (38%), *Lippia alba* (Mill.) E.Br. ex P. Wilson (31%). In the sequence *Plectranthus barbatus* (Boldo), *Mentha pulegium* L. (Poeijo), *Aloe vera* (Babosa). Thirty-six organic conditions were mentioned, which are treated with medicinal plants. The backyards of the Vale dos Sonhos-MT community represent a modified landscape unit, representing configurations of values and symbolism by multiple uses. These quintals represent a site for the in situ conservation of species, as well as sites for the propagation of Cerrado native plants and exotic plants.

Keywords: Productive Backyards, Medicinal Plants, Serra do Roncador.

INTRODUÇÃO

O estudo das inter-relações diretas entre ser humano e plantas figuram o estudo em etnobotânica (ALBUQUERQUE, 2005). Segundo Caballero (1979), é a ciência que estuda as plantas e a interação destas com as comunidades humanas, assim como investiga novos recursos vegetais.

As linhas de pesquisas relacionadas às Etnociências vêm se fortalecendo nos últimos anos, e baseada na interlocução entre as ciências naturais e humanas, sendo estas representadas principalmente pela antropologia e pela biologia (Silva, 2003). E ainda se faz valer de ferramentas da antropologia etnográfica, que busca descrever a cultura, as práticas e costumes de um povo (GENEVIEVE, 2001).

Deste encontro de ciências, surge a Etnobotânica, que envolve a interação de uma população, estritamente com a flora que o circunda, incluindo elementos como uso, cultivo e percepção (AMOROZO, 2006). Logo a pesquisa etnobotânica vai além da botânica, pois ao relacionar a vegetação local com as pessoas, as plantas passam a ter também um valor cultural e utilitário para a população estudada. Sendo então este conhecimento das plantas, parte da cultura e um rico compêndio de saberes vegetais, que deve ser estudado e documentado para que não se perca no tempo (BARRERA, 1979; PASA, 2007).

A etnobotânica como ciência também deve somar positivos ângulos de preservação da flora local, haja vista que sua interação com a população é extremamente decisiva. E por isso, a etnobotânica tanto se faz valer, como precisa, também, de elementos de interdisciplinaridade e conexões com outros conceitos e áreas, como a etnoecologia (KFFURI, 2008).

Estudos etnobotânicos revelam resultados importantes sobre o conhecimento da biodiversidade, e coopera em manejos de conservação. Também registram os usos das plantas que ocorrem no cotidiano da comunidade, através das etnocategorias, que se classificam com o fim específico e funcional, como as alimentícias, medicinais, místico-

religiosas, entre outras (PASA 2007). Essas informações possibilitam para a ciência, novos caminhos para objetos de estudos interdisciplinares, como a Farmacologia, na busca de novas opções industrializadas. Assim, o objetivo deste trabalho consiste em registrar o saber tradicional sobre o uso dos recursos vegetais,, classificando-os nas diferentes etnocategorias de usos pela na comunidade Vale dos Sonhos, no município de Barra do Garças – Mato Grosso.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Registrar o saber tradicional acerca dos recursos vegetais, classificando-os nas diferentes etnocategorias de usos pela comunidade Vale dos Sonhos, município de Barra do Garças – MT.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

✓ Identificar e catalogar as diferentes espécies vegetais usadas na comunidade, enfatizando as partes utilizadas e as formas de usos e o consenso entre os informantes

✓ Registrar os meios para a aquisição e procedência das plantas que utilizam e/ou cultivam e a origem dos conhecimentos tradicionais adquiridos na comunidade;

✓ Classificar as espécies vegetais nas diferentes etnocategorias de usos, através das variáveis botânicas, etnobotânica, socioeconômica e cultural da Comunidade Vale dos Sonhos, MT;

✓ Proporcionar a difusão dos conhecimentos tradicionais adquiridos na comunidade, como forma de evitar a erosão cultural, através de publicações e eventos científicos, como devolutiva à sociedade em geral.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1. A INTERAÇÃO DA BIODIVERSIDADE BRASILEIRA

Saberes tradicionais estão relacionados diretamente à biodiversidade e possuem importância estratégica no manejo e conservação da diversidade biológica.

Estimativas da população e do número de comunidades que desempenham papéis importantes no Cerrado foi realizado, revelando que neste bioma brasileiro é estimada uma população rural total de 28 milhões de pessoas, sendo que 25 milhões de pessoas estejam envolvidas na agricultura familiar (arroz, feijão, mandioca, galinhas etc.) e extração (frutas, nozes, peixe, flores etc.) em assentamentos agrícolas e comunidades tradicionais de vários tipos. cerca de 25.000 comunidades locais (FREIXO et al., 2010).

A sociobiodiversidade de povos brasileiros é proporcional ao imenso território nacional, com mais de 200 povos indígenas e por diversas comunidades (BRASIL, 2016). Tais povos fazem parte do patrimônio histórico e cultural do Brasil por deterem conhecimento tradicional local sobre a biodiversidade (SAWYER et al., 2016).

O acervo de conhecimento acerca da biodiversidade que circunda sociedades tradicionais, os elementos e as interações são transmitidos, enriquecidos, modificados e, em certas ocasiões, deformados ao longo dos anos, compreendem uma ciência, dita, popular (CABALLERO, 2001).

Abrangem tais sociedades: Indígenas e não-indígenas (caiçara, açoriano, caipira, babaçueiro, jangadeiro, pantaneiro, pastoreio, quilombola, ribeirinho/caboclo, amazônico, ribeirinho/caboclo não amazônico (varjeiro), sertanejo/vaqueiro e pescador artesanal) (ARRUDA et al., 2000).

As populações tradicionais desenvolveram, ao longo dos anos, uma forte dependência com a natureza transformando-a conforme seus valores e crenças traçados na vegetação. A história humana e natural se cruza, cria laços e deixa suas marcas uma na outra, elas co-evoluem pela forte dependência devido à distância do centro urbano (LARAIA, 1986).

Resgates da sabedoria popular direcionados para soluções de problemas de ordem ambiental e para o bem coletivo apontam caminhos para o desenvolvimento local, a fim de melhorar a qualidade de vida de todos os envolvidos (ROCHA et al., 2015).

O Cerrado apresenta grande importância social, pela quantidade de povos tradicionais presentes e dependentes, direta e indiretamente, dos recursos naturais para sobrevivência, na alimentação, medicina, financeira, entre outros (SAWYER et al., 2016).

A grande pressão pelo aumento da fronteira agropecuária afeta a maioria das áreas intactas do Cerrado, como terras indígenas e comunidades tradicionais.

1.2. SABER TRADICIONAL

O saber tradicional envolve conhecimentos empíricos, crenças, costumes e práticas quanto ao uso de vegetais, animais, microrganismos, etc. Pode ser classificado como produto da coevolução entre a cultura ancestral e seu ambiente natural, que acompanha o uso e o manejo sustentável dos recursos naturais (DIAGO, 2011).

Esse conhecimento é passado para as sucessivas gerações nas comunidades tradicionais e constitui importante ferramenta para compreender, se aproximar e se interligar com a natureza. A principal transmissão deste conhecimento é por meio da oralidade, a qual é realizada nas vivências do cotidiano, nas situações do momento. De tal modo, a informação é transmitida dos avós ou dos pais para seus filhos, vizinhos, ou no mesmo grupo doméstico, expressão da própria cultura (ÁVILA e PASA, 2010).

O conhecimento tradicional é construído de acordo com as experiências pessoais de cada indivíduo, da família e, de forma geral, de uma sociedade específica. É transmitido para seus descendentes, no cotidiano, ao longo da vida, é transformado com dinâmica própria por aqueles que têm interesse em aprender e repassar toda sabedoria (DIAS & LAUREANO, 2009).

A transmissão do conhecimento construído ao longo do tempo acontece em sua praxe e no simbolismo, favorece e mantém a sabedoria sobre àquele local. Reconhecer a importância da transmissão é revelar aos membros comunitários os processos e transformações locais, valorizar e identificar os potenciais de proteção do conhecimento tradicional (ROCHA et al., 2015).

A formação dessa cultura é expressa nos processos e práticas de manejos, que se tornam tradicionais daquele local, revelando forte dependência com a natureza e, logicamente, com a biodiversidade. O conhecimento empírico dessa biodiversidade é foco de muitos estudos em diversas áreas da ciência, especialmente a etnobotânica.

Para acessar esse patrimônio cultural tradicional, há que seguir legislação específica. A Medida Provisória nº 2.186-16/2001 estabelece o Conhecimento Tradicional Associado, sendo esse, qualquer informação prática individual ou coletiva de saberes tradicionais em comunidade indígena ou comunidade local, com valor real ou potencial associada ao patrimônio genético.

1.3. COMUNIDADES TRADICIONAIS

No art. 3º do Decreto nº 6040-07/02/2007 compreende-se por Povos e Comunidades Tradicionais, os grupos culturalmente diferenciados, que ocupam e usam territórios e recursos naturais, utilizando conhecimentos transmitidos pela tradição, como pode ser observado:

Art. 3º(...) compreende-se por:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Decreto nº 6040-07/02/2007, art. 3º).

Para ser caracterizada como uma comunidade tradicional, segundo a mesma deve manter seus costumes, cultura por no mínimo 40 anos.

O território ocupado pelas comunidades é adaptado e domesticado e depende das relações sociais, representações e dos mitos que caracterizam as populações humanas de um local (DIEGUES, 2014). O autor ressalta ainda que o território das comunidades tradicionais é diferente daquele das sociedades urbanas industrializadas, já que são caracterizadas por terrenos em pousio, estuários, áreas de coleta, de caça, entre outras áreas, e existe uma estreita relação entre o homem e o meio, havendo uma dependência do mundo natural e uma conexão com os ciclos naturais, sendo estes explicados por meio de representações místicas e religiosas. Desta forma, as comunidades têm o controle sobre o meio físico.

A seguir, o conceito empregado por Diegues (2000) para essas populações, o que serve também para compreender melhor as redes de relações econômicas e sociais praticadas por essas populações dentro das suas próprias complexidades existentes.

“Comunidades tradicionais estão relacionadas com um tipo de organização econômica e social com reduzida acumulação de capital, não usando força de trabalho assalariado. Nela produtores 11 independentes estão envolvidos em atividades econômicas de pequena escala, como agricultura e pesca, coleta e artesanato. Economicamente, portanto, essas comunidades se baseiam no uso de recursos naturais renováveis. Uma

característica importante desse modo de produção mercantil (*petty mode of production*) é o conhecimento que os produtores têm dos recursos naturais, seus ciclos biológicos, hábitos alimentares, etc. esse ‘*know-how*’ tradicional, passado de geração em geração, é um instrumento importante para a conservação. Como essas populações em geral não têm outra fonte de renda, o uso sustentado de recursos naturais é de fundamental importância. Seus padrões de consumo, baixa densidade populacional e limitado desenvolvimento tecnológico fazem com que sua interferência no meio ambiente seja pequena. Outras características importantes de muitas sociedades tradicionais são: a combinação de várias atividades econômicas (dentro de um complexo calendário), a reutilização dos dejetos e o relativamente baixo nível de poluição. A conservação dos recursos naturais é parte integrante de sua cultura, uma idéia expressa no Brasil pela palavra ‘respeito’, que se aplica não somente à natureza como também aos outros membros da comunidade” (DIEGUES, 2000: 87).

As comunidades possuem íntima relação com os locais que habitam, com sua história e cultura, produzem conhecimento e os modos distintos de uso dos ecossistemas, podendo ter um contexto espiritual, religioso e cultural (VOEKS, 2017)

Esses distintos usos dos ecossistemas, com o passar do tempo é aprimorado de acordo com o contexto e cultura de cada local. Dessa maneira, resultados de representações do mundo natural acompanhados pelo conhecimento empírico criam sistemas de manejo tradicional (DIEGUES, 2014). Assim, essas comunidades são fundamentais ao aproximar o conhecimento científico do saber tradicional por estudos etnobotânicos.

E para esse campo complexo da investigação, faz-se necessária, além da biodiversidade natural/cultural, o cuidado de evitar o risco da “subjugação dos saberes tradicionais pelo poder do conhecimento científico positivo” e à distorção de informações de acordo com o sistema de crenças do entrevistador/pesquisador (VOEKS, 2017).

Nesse contexto, a etnobotânica busca compreender as ações relacionadas à natureza expressas nos usos, no caso dos vegetais por meio dos saberes tradicionais.

Estudo que evidencia a diversidade cultural do Estado foi realizado pelo Grupo Pesquisador em Educação Ambiental (GPEA/UFMT, 2008), onde mostra que Mato Grosso possui 85 identidades em todo o estado, sendo 65 grupos sociais, como por exemplo, os quilombolas, extrativistas, pescadores, etc. e 45 etnias indígenas.

Importantes estudos etnobotânicos foram realizados em comunidade tradicionais presentes no bioma cerrado no Estado de Mato Grosso, tais como: Pasa et al. (2005); Guarim Neto (1991, 2006); Amaral & Guarim Neto (2008); Pasa (2011a, 2011b); De David (2015), Camargo et al. (2014); Gonçalves & Pasa (2015), Fiebig & Pasa (2016), entre outros.

Hoje, ficam enaltecidos os problemas que envolvem os recursos ambientais e a sobrevivência das sociedades ou povos tradicionais. Esse trabalho assume uma postura crítica frente à proposta de desenvolvimento pautada no paradigma econômico do qual decorre a exclusão social e econômica dessas sociedades.

1.4.A ETNOBOTÂNICA

Desta forma, a etnobotânica designa a combinação de dois campos diferentes: a etnologia e a botânica (HORÁK et al., 2015). O termo Etnobotânica foi cunhado em 1895 pelo botânico taxonomista John Harshberger, da Pennsylvania University (DAVIS, 1995). Designou-o como o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo vegetal, englobando tanto a maneira como o grupo social classifica as plantas, como os usos que dá a elas (POSEY, 1981).

A ciência etnobotânica é definida como vertente da biologia que estuda as sociedades humanas, passadas e presentes, e suas interações ecológicas, genéticas, evolutivas, simbólicas e culturais com as plantas (ANSELMO et al., 2012).

A evolução no conceito de Etnobotânica é contínua e o seu surgimento como uma nova alternativa metodológica como ferramenta ligada ao desenvolvimento dos grupos sociais, dos processos de conservação dos recursos vegetais é notório através da divulgação de estudos e pesquisas na área (DIAGO, 2011).

As pesquisas etnobotânicas são hoje importantes ferramentas de registro e documentação dos usos empíricos de plantas, principalmente em comunidades tradicionais, gerando conhecimento útil à conservação da biodiversidade (PASA et al., 2017).

A etnobotânica, entre outros aspectos, vem corroborando com a ciência por permitir o resgate da importância cultural do uso das plantas por determinado grupo populacional, bem como entender a história e a relação do homem com essas plantas (ALBUQUERQUE e HANAZAKI, 2006; SANTOS NETO, 2014).

Devido à grande importância quanto ao uso das plantas pelo ser humano, a multiplicidade dos seus usos pode ser expressiva dentro da comunidade envolvendo diferentes etnocategorias como alimentar, medicinal, ornamental, combustível, construção de mobílias e atributos de trabalho como cabos de facão, enxada, vassoura etc (PASA et al., 2017).

A estas categorias são atribuídas o Valor de Uso (VU), variável quantitativa capaz de refletir a importância de cada espécie, defendida por Phillips & Gentry (1993a), que buscaram abordagens quantitativas e estatísticas para os dados de levantamentos etnobotânicos.

Para Galeano (2000), é importante que a avaliação do valor de uso seja feita por categorias de uso para que assim reflita o manejo aplicado pela comunidade à floresta e, possibilite identificar as espécies objeto de coletas destrutivas.

Dentre as categorias, a de uso medicinal é expressiva nas comunidades. As plantas medicinais são aquelas que apresentam ação

farmacológica, e as principais substâncias encontradas pode-se destacar os alcaloides, mucilagens, flavonoides, taninos e óleos essenciais.

Estas substâncias são princípios ativos e estão presentes em diversas partes da planta, que são utilizadas, como folhas, cascas, entrecascas, flores, frutos, raízes, bem como as resinas e óleos que podem ser extraídos.

Os princípios ativos não se distribuem de maneira uniforme no vegetal. Concentram-se preferencialmente nas flores, folhas e raízes, e, às vezes nas sementes, nos frutos e na casca. Outra característica dos vegetais é que não apresentam uma concentração uniforme de princípios ativos durante o seu ciclo de vida, variando com o habitat, a colheita e a preparação (ANDERSON *et al* p.307-8, 1988).

Os usos e dosagem foram testados e repassados por meio do saber empírico. Essas plantas ou parte delas, geralmente são adquiridas no ecossistema que circundam as comunidades onde as experiências vividas, participativas ao saber-fazer junto à natureza, constroem-se, como já dito, por meio da comunicação oral.

Esse conhecimento sobre o ambiente em que vivem e convivem, consiste na principal ferramenta para o trabalho etnobotânico. E dentro do contexto cultural em que foi gerado, pois a história de vida de cada ser humano se entrelaça com a natureza em que está inserida, singular em cada região (PASA, 2005). Esse campo de investigação cultural/local fornece compreensão sobre os aspectos botânicos, culturais, sociais nas comunidades, como também, o potencial do meio onde a mesma interage.

Em diversas partes do mundo, bem como no Brasil, as plantas medicinais costumam ser uma das alternativas para parte da população, principalmente a de baixa renda, devido a diversos fatores, dentre os quais estão o custo alto dos medicamentos industrializados e o acesso restrito a um sistema de saúde de qualidade. O uso deste tipo de terapia

tem crescido também entre as pessoas de maior poder aquisitivo, na busca por opções terapêuticas mais saudáveis e naturais (CAVAGLIER, 2014).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a população mundial utiliza as plantas na busca da cura para diversas enfermidades, ainda que sem indicação clínica, de outro modo reconhecido como sistemas complementares ou alternativos de medicamentos (AZAIZEH, 2008).

A busca por essas plantas ocorrem, geralmente, na vegetação que circunda a comunidade, nas matas próximas. Muitas espécies são trazidas para o quintal ou roça das pessoas e são propagadas e repassadas para vizinhos e outros. Para a etnobotânica, cada local fisionomicamente diferenciado compõe as Unidades de Paisagem.

1.5. AS UNIDADES DE PAISAGENS

Geograficamente conceituando, as Unidades de Paisagens se individualizam pelo relevo, clima, cobertura vegetal, solos ou até mesmo pelo arranjo estrutural e o tipo de litologia ou exclusivamente por um desses elementos (ROSS, 1992). Apresentam fronteiras complexas cuja existência é condicionada pelo funcionamento de seus elementos (MONTEIRO, 2000).

Esse conceito está num panorama macro da realidade, para servir de categoria de análise dos geossistemas. A etnobotânica traz o conceito para o micro e traça distintas unidades de paisagem com esses elementos e princípios.

Em diversos trabalhos, Pasa (2008, 2014, 2017, 2018) traz para etnobotânica as Unidades de Paisagem como um espaço delimitado com características distintas de uso e manejo pelas populações como roças, quintais e fisionomias vegetais.

Ao compreender o conceito de paisagem que se baseia como um “todo sistêmico” em que se combinam a natureza, a economia, a sociedade e a cultura, em um amplo contexto de inúmeras variáveis, e que buscam representar a relação da natureza como um sistema e dela com o homem (RODRIGUEZ, 1994), é possível enxergar o funcionamento dos elementos e compreender que nas populações tradicionais (sociedades), há uma forma (cultura) em que acontece o uso da natureza e suas relações construídas, inclusive econômicas.

Nesse contexto, o Cerrado pode ser compreendido como Unidade de Paisagem, em nível macro e os quintais, hortas e roças numa esfera menor de análise, mas com os princípios equivalentes.

1.5.1. Unidades de Paisagem na comunidade

a. Cerrado

O Cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul, ocupando uma área de 2.036.448 km², cerca de 22% do território nacional. A sua área contínua incide sobre os estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal, além dos enclaves no Amapá, Roraima e Amazonas (MMA, 2019).

Foi incluso na lista de *HOSTPOTS* pela *Conservation International do Brasil*, por possuir grande número de endemismo de sua biodiversidade e alta porcentagem de destruição da vegetação original (FONSECA, 1998).

Bioma considerado entre as mais ricas das savanas tropicais do mundo, devido as diferentes fitofisionomias “distribuídas entre formações florestais, de savana e campestres” e suas subdivisões. Característica que proporciona rica biodiversidade, distintas paisagens e endemidade e heterogeneidade de ambientes (RIBEIRO & WALTER, 1998).

Abriga elevada diversidade biológica 12.448 spp, vegetais distribuídos em 185 famílias e 1.682 gêneros. Dentre estas espécies, importante quantidade possui valor alimentício e medicinal (ALMEIDA et al., 1998; SOUZA & FELFILI, 2006; MOREIRA & GUARIM NETO, 2009; PASA, 2011).

Essa biodiversidade sustenta inúmeras populações que vivem neste Bioma, sobrevivendo dos recursos naturais. Segundo Ministério do Meio Ambiente (MMA, 2019), é registrado mais de 220 espécies de uso medicinal para o Cerrado.

Nesse contexto, o Cerrado é importante tanto pelos aspectos ambientais, como também, tem sua grande importância social, pois as populações recorrem a esses recursos para sua sobrevivência.

b. Quintais Produtivos

Os quintais são unidades produtivas caseiras, antigas, onde várias espécies de árvores são cultivadas, juntamente com culturas perenes e anuais e, ocasionalmente, criação de pequenos animais (DUBOIS & VIANA, 1996; GARCIA, VIEIRA & OLIVEIRA, 2015). Para Nair (1993) os quintais constituem uma reunião de plantas, incluindo árvores, arbustos, trepadeiras e plantas herbáceas crescendo adjacentes às casas.

Os quintais podem ser considerados sistemas agroflorestais, resultando em benefícios nutricionais, econômicos, ecológicos, além de representarem um local para a conservação in situ de muitas espécies (TSUKAMOTO FILHO, 1999).

Ferreira & Dias (1993) definem os quintais mato-grossenses como a porção de terra perto da casa, de fácil acesso na qual se cultivam ou se mantém múltiplas espécies que servem de fonte às necessidades nutricionais básicas da família, tais como alimento, remédio e lenha.

O conceito de quintais produtivos recebe várias definições acerca de sua funcionalidade e delimitação. Mas de um modo geral Amorozo (2008) e Novaes (2008) definem o quintal produtivo como um local ou uma área próxima da residência familiar de funções múltiplas e fácil acesso, onde se cultivam uma diversidade de espécies e essa composição florística pode ser influenciada por diversos fatores, desde ambientais à sociais.

Há uma grande plasticidade funcional que permite o estudo da Etnobotânica através dos quintais, como processos como domesticação e aclimação de espécies, conservação da agrobiodiversidade, serviços ambientais diversos, segurança alimentar e subsistência, permitindo fazer referência às plantas de cura, as plantas de proteção, os ensinamentos hierárquicos dentre outros aspectos (AMOROZO, 2008, ALBUQUERQUE, 2015, PASA et al. 2017).

Os quintais assumem importância fundamental por fornecer complemento nutricional e como farmácia viva, através do cultivo das plantas usadas como medicinais, além disso famílias de zonas rurais o utilizam com frequência para germinação de sementes e produção de mudas (TAQUEDA, 2009; AMOROZO, 2013).

Segundo Morais (2011), em geral as áreas dos quintais produtivos de zonas rurais, apresentam um banco ainda mais rico de germoplasma, quando comparados aos quintais urbanos, essas áreas muitas vezes se confundem com extensões da localização da residência, com a fitofisionomia local, pelo fato de fazerem fundo ou lateral com fragmentos de vegetação nativa, na qual se encontra circunscrito enquanto unidade de paisagem modificada pelo homem.

A estrutura paisagística nos quintais reflete a influência cultural que a família deposita ao selecionar as espécies que compõem o local e, assim, determina a importância da diversidade vegetal para atender as necessidades familiares, em especial, alimentar e medicinal (DE DAVID & PASA, 2013).

O processo de domesticação proporciona a diversidade genética intraespecífica, nota-se que a tendência é de aumentar o número de espécies usadas, manejadas, cultivadas e domesticadas, assim, a alta diversidade das plantas nos quintais representa um verdadeiro banco de germoplasma como fonte de sustentabilidade (PASA, 2004).

Para Amorozo (2013) a atenção mundial tem sido direcionada para a erosão genética de recursos vegetais, bem como para a perda da diversidade agrícola e suas consequências no mundo moderno reconhecendo hoje, que grande parte dessa diversidade é mantida pela agricultura de subsistência, que conta com a mão-de-obra familiar, principalmente.

No mundo todo se estuda os quintais produtivos e com diversos enfoques, o Brasil é um grande produtor de material científico envolvendo quintais em todo território nacional vide autores como Pasa, Albuquerque, Amorozo, Silva, Guarim Neto, Lucena, entre outros (ROCHA, 2015). Dentre esses trabalhos, pode se ressaltar o estado do Mato Grosso com grande repertório e de expressivos trabalhos de pesquisa e publicações científicas enfocando os quintais rurais e urbanos como, por exemplo, a publicação de Guarim Neto; Quintais Matogrossenses: espaço de conservação e reprodução de saberes.

Na comunidade alguns quintais possuem o cultivo integrado às árvores, espécies agrícolas e/ou animais. Apresentam determinado arranjo florístico de modo estratificado, ou seja, com a presença de herbáceas, arbustos e árvores. São unidades de paisagens produtivas, que conseguem aliar a questão econômica com a conservação dos recursos naturais. Assim, esses sistemas configuram-se como alternativas para a promoção do desenvolvimento sustentável, pois apresentam resultados positivos em relação à proteção ambiental, ao crescimento econômico e às melhorias das condições sociais (PALUDO & COSTABEBER, 2012).

Observou-se que além do sombreamento, essas espécies proporcionam uma melhor infiltração da água na terra que promove a formação de matéria orgânica, mantendo a variedade das espécies ali existentes.

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O estudo foi realizado na Comunidade Vale dos Sonhos (latitude 15°23'10" e longitude 52°12'12" W), pertencente ao município de Barra do Garças - MT e distante 500 km de Cuiabá, capital de Mato Grosso. O estado de Mato Grosso pertence à região centro oeste do Brasil e possui três biomas em seu território: Cerrado, Pantanal e Amazônia. A comunidade está localizada na Microrregião do Médio Araguaia, entre a Serra do Roncador e às margens da BR 151, área essa pertencente ao bioma cerrado (MMA, 2006) (Figura 1).

FIGURA 1 – LOCALIZAÇÃO DA COMUNIDADE VALE DOS SONHOS. MT.



Fonte: Google Maps. 2018.

Vale dos Sonhos

Historicamente, a bacia do Rio Araguaia é considerada importante no cenário nacional, do ponto de vista histórico, devido a “Expedição Roncador-Xingu”, expedição organizada pela Fundação Brasil

Central, nos anos 40 do século XX e representou o primeiro esforço brasileiro em conhecer o interior do Brasil (VARJÃO, 1980).

O Distrito Vale dos Sonhos tem sua origem nessa expedição da Fundação Brasil Central, pois foi um lugar estratégico para acampamento das tropas que seguiam em direção ao rio das Mortes. A comunidade foi elevada à condição de distrito, em oito de dezembro de 1985 (IBGE, 2010).

A origem do nome Vale dos Sonhos, segundo registros históricos, foi dado pelo ministro João Alberto em um dos sobrevoos que fez na região. As primeiras construções obedeceram ao estilo colonial, enquanto suas ruas levam o nome de pessoas que marcaram o início de sua fundação como Avenida Brasil Central, Marcha para o Oeste, General Borges Fortes, Coronel Vanique, Estádio Firmino Maia, entre outros.

Inserida em bonitas paisagens, a comunidade possui vista privilegiada para Serra do Roncador, famosa pelo suposto desaparecimento do Coronel Fawcett em meados de 1850 e do misticismo que a envolve desde os seus primórdios 1985 (VARJÃO, 1980). A comunidade retrata um viver bucólico, singular, simples, parecesse ter 'parado no tempo'.

Apesar disso, as vezes a rotina é quebrada com barulhos de jipes e circulação de turistas no local, em busca de aventuras na Serra do Roncador. Especificamente, essa região da Serra é muito valorizada pelos seguidores de religiões, filosofias e seitas místicas. Ufólogos acreditam ser o lugar ideal para fazer vigílias existindo ali o "Núcleo Araguaia de Pesquisas Ufológicas do Roncador". É difícil não se intrigar com os mitos, enigmas e lendas que permeiam a região do Vale dos Sonhos.

Segundo os relatos dos moradores locais e guias de turismo, os índios Xavantes protegem a região e se consideram guardiões da "Terra Sagrada". Há também as estórias do coronel inglês Percy Fawcett

que, desapareceu misteriosamente procurando pela civilização perdida de Atlântida, inspirando o primeiro filme de Indiana Jones.

Os fundadores da comunidade Vale do Sonho são pessoas de origem tradicionalmente mato-grossenses, em sua maioria. São conhecidos como povos tradicionais que habitam o vale da serra do Roncador e mantêm uma forma de vida com uma organização social que lhes é característica. Para Aguiar (2010), ser tradicional rural significa pertencer a uma comunidade rural, com organização social baseada no parentesco, tendo a família como unidade de produção e consumo e um agrossistema peculiar composto por várias práticas adaptadas às diferenças fitofisionômicas locais.

A população da comunidade possui um vasto conhecimento da região sobre os aspectos florísticos, faunísticos, climatológicos. Conhecimento este de grande valor social, tanto em relação a patrimônio cultural como conservacionista. Atualmente, vivem em lotes delimitados, formando uma pequena vila. O espaço de terra que utilizam para manejo e cultivo muitas vezes restritos aos seus quintais, muito embora transitam pelas florestas próximo à comunidade em busca de alimento, plantas medicinais, madeira etc.

O turismo é uma atividade que, de maneira planejada, promove a economia de forma sustentável. A região tem todo potencial turístico a ser explorada como a natureza, beleza cênica, história, misticismo, aspectos culturais, sítios arqueológicos, e modo de vida bucólico.

Patrimônio histórico cultural

Existem sítios arqueológicos localizados em toda a escarpa da Serra na região próxima à comunidade (8 km). Até o momento, não foram pesquisados, catalogados ou sequer estão protegidos, conforme artigo 225 da Constituição Federal de 1988 (CF/88). O trabalho publicado por Dolzam, (2006), realizado em Barra do Garças e adjacências, revela a existência de sítios arqueológicos não cadastrados no IPHAN.

Considera-se esse item pertinente, pela importância de tornar esses espaços legalmente protegidos, pois estão sendo visitados indiscriminadamente por meio do turismo desordenado. Estes sítios estão localizados no perímetro da proposta de criação de uma categoria de um Espaço Territorial Especialmente Protegido (ETEP) (CAVINATTO, 1995).

Aspectos socioeconômicos

A população do distrito do Vale dos Sonhos no ano de 2010 era de 722 habitantes, sendo 399 homens e 323 mulheres, possuindo um total de 335 domicílios particulares. Na zona urbana, onde foi realizada a pesquisa, são 481 habitantes IBGE (2010). O Distrito teve sua criação aprovada pela Câmara Municipal de Barra do Garças mediante a Resolução nº 16 de 02/08/1985.

A comunidade constituída de áreas antropizadas, devido à urbanização, destacando-se os empreendimentos comerciais (como pequenos restaurantes (2), mercados (2), sorveteria (1), rodoviária, etc.) e públicos (escola de ensino fundamental e médio (1), posto de saúde (1)). Alguns moradores trabalham com a comercialização de ervas e raízes medicinais, orquídeas, galinhas e ovos 'caipira', pães e outros.

As casas são a maioria de alvenaria, tendo também casas de barro e madeira. Há também dois pequenos restaurantes e dois quartos oferecidos como hospedagem. Distante 8km dali há uma pequena pousada com chalés e quartos para hospedagem. Neste local está localizado o ponto mais conhecido e associado ao nome dado à região, e também, símbolo da Serra do Roncador.

O turismo tem pouca significância em termos econômicos para região, entretanto seu *status* é ascendente. A comunidade não possui infraestrutura adequada para seu incremento, como também não há planejamento, regulamentação e profissionais habilitados e capacitados para tal atividade prosperar de forma acelerada.

Geomorfologia

A Serra do Roncador se estende desde o município de Barra do Garças até a Serra do Cachimbo no Pará, sendo a principal característica deste Planalto a continuidade e a relativa homogeneidade e como divisor de águas das bacias do Rio Araguaia e Xingu (IBGE, 2010).

O baixo rio das Mortes corresponde basicamente às superfícies rebaixadas da depressão do Araguaia, drenadas pela sub-bacia do rio Pindaíba, afluente principal da margem direita do rio das Mortes, cujos altos cursos nascem em diversos divisores de água das serras Azul, do Taquari e Barra do Garças, que separam o Planalto dos Guimarães – alcantilados da depressão; e pelos afluentes da margem esquerda do baixo curso do rio das Mortes (MMA, 2006).

A Serra do Roncador separa o Planalto Dissecado dos Parecis da Depressão do Araguaia. A sub-bacia, geomorfologicamente, compreende duas sub-unidades: o Planalto Guimarães e a Planície do Bananal (correspondente ao alto e baixo rio das Mortes, respectivamente) e geologicamente representada por sedimentos das formações Furnas, Ponta Grossa, Aquidauana, Bauru, Butucatu e Holocenos (MMA, 2006)

Essa descrição representa o distrito de Vale dos Sonhos, uma vez que o mesmo está na base da Serra do Roncador, entre Barra do Graças e Nova Xavantina.

Vegetação

A região em torno da comunidade é especificamente classificada, segundo Radambrasil, (1984) como: Natural, savana, arborizada com floresta de galeria, Cerrado; Antropizada, savana, arborizada, com floresta de galeria, Transição; Natural, floresta, estacional, semidecidual, aluvial, Transição.

Nas incursões de campo foi possível observar a presença da regeneração natural, como também indivíduos em fase avançada de crescimento e intermediários, dependendo do local. Locais visitados evidenciam o Cerrado Sentido Restrito com a presença de árvores baixas,

inclinadas, tortuosas, com ramificações irregulares e retorcidas e com estrato herbáceo. Nessas vegetações caracteres observados sugerem adaptação às condições de seca (xeromorfismo) como folhas, em geral, rígidas e coriáceas (*Curatella americana*), pilosas (*Caryocar brasiliensis*), árvores com cascas de cortiça (*Stryphnodendron adstringens* (Mart.) Coville) espessa, fendida ou sulcada, e as gemas apicais de muitas espécies protegidas por densa pilosidade (RIBEIRO & WALTER 1998).

2.2. DELINEAMENTO DA PESQUISA NO CAMPO

2.2.1 Seleção das residências

O levantamento das informações foi realizado através da técnica de amostragem “*Snow ball*” (Baldin & Munhoz, 2011), ou seja, um participante, ao final da entrevista, indica outro morador e, assim, sucessivamente até que se atinja saturação de citações de espécies vegetais. O tamanho da amostra teve como base a saturação, que segundo Minayo (1994) considera o número de sujeitos suficiente quando for permitido uma certa reincidência das informações coletadas, porém sem desprezar informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta.

2.2.2 Sujeitos da Pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa foram os moradores da Comunidade Vale dos Sonhos, Barra do Garças – MT, que atenderam os seguintes critérios de inclusão: ambos os sexos, maiores de 18 anos de idade e que após a exposição do objetivo da pesquisa aceitaram por livre e espontânea vontade participar da mesma assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE I).

2.2.3 Inventário Etnobotânico

O procedimento metodológico da pesquisa aborda os tratamentos qualitativo e quantitativo, inerentes às pesquisas em Etnobotânica.

A análise qualitativa deve-se levar em consideração os níveis mais profundos das relações sociais, operacionalizando-os através dos aspectos subjetivos, visando compreender a lógica interna de grupos, instituições e atores quanto aos valores culturais e representações sobre sua história (MINAYO, 2007).

Para análise quantitativa de dados etnobotânicos serão utilizados os cálculos de Nível de Fidelidade (NF), Fator de Correção (FC) e a frequência relativa do uso de cada espécie citada (Pcup%). Esses cálculos expressam o consenso informante e permite avaliar a importância relativa de cada espécie segundo FRIEDMAN (1986); AMOROZO E GELLY (1988); ALBUQUERQUE e ANDRADE (2002); PASA (2011, 2014, 2015, 2017).

2.3 TÉCNICAS UTILIZADAS PARA AS ENTREVISTAS

2.3.1 Pré-teste

Esta técnica serve para diagnosticar alguns aspectos da população como receptividade, reação à visita, às perguntas, à população, bem como testar a viabilidade do instrumental junto à comunidade.

2.3.2 Bola de Neve (*snow ball*)

Durante a coleta dos dados etnobotânicos utilizou-se a técnica metodológica *snowball sampling*, conhecida como Bola de Neve, que, segundo Baldin e Munhoz (2011), é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto. Este é o momento em que o “ponto de saturação” é atingido quando deixa de ocorrer novas informações à pesquisa (WHA, 1994).

Para a realização desta pesquisa, primeiramente foi feito o contato com um dos moradores mais antigos da comunidade (Sra. MFV, 84 anos), que foi indicando novos informantes. A pergunta norteadora da pesquisa foi: Você poderia me indicar alguém, que você conhece, para que eu possa realizar esta mesma entrevista?

2.3.3 Entrevista Semiestruturada

A entrevista é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo e representa ampla comunicação verbal sobre determinado tema científico. A entrevista semiestruturada tem como ponto de partida questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, oferecendo amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do entrevistado. As perguntas fundamentais, que constituem a entrevista semiestruturada expressam os resultados com informações locais emitidas pelo informante (MINAYO, 2008). (APÊNDICE III).

2.3.4 Turnê Guiada

Técnica que consiste no acompanhamento do proprietário ao percorrer o terreno onde se encontra a vegetação, disponibilizando as informações sobre as espécies vegetais onde foram realizadas as entrevistas. Este método foi utilizado para validar os nomes das plantas citadas, bem como informações obtidas durante as entrevistas (PHILLIPS e GENTRY, 1993a; ALBUQUERQUE et al., 2010b). Esta técnica favoreceu a coleta de material botânico para identificação por especialistas do Herbário da UFMT, *campus* Barra do Garças, bem como comparações com o acervo do *Missouri Botanical Gardens, NY* (MOBOT).

2.4 COLETA DE DADOS

As atividades de coletas de dados ocorreram na residência dos moradores da comunidade, no período de março de 2017 a março de 2018 com frequência quinzenal. A aplicação das entrevistas ocorreu no quintal da residência e finalizava com a turnê guiada pelas unidades de

paisagem, como horta, quintal, roça e mata, cujo objetivo consiste em identificar as espécies vegetais cultivadas e usadas pelas pessoas da comunidade local.

A entrevista se inicia com o registro etnográfico: idade, sexo, religião, profissão, escolaridade, renda familiar, estado civil, número de pessoas na família, entre outras. Foram abordadas ainda questões referentes ao estado e hábitos de saúde, sobre o imóvel e quintal e, por fim, os dados etnobotânicos, que resgatam o saber tradicional em relação a utilização e manejo das plantas nas diferentes unidades de paisagens locais e as diversas etnocategorias de usos emitidas pela população em estudo.

2.5 ANÁLISES ETNOBOTÂNICAS

Os dados etnobotânicos obtidos nas entrevistas registraram informações sobre as espécies vegetais e dados referentes ao(s) nome(s) popular (es), parte(s) utilizada(s), forma de uso(s) popular(es), modo(s) de administração e indicação(ões) de uso(s). Algumas plantas cultivadas e/ou utilizadas pelos informantes foram coletadas a fim de identificar, confirmar e comparar as espécies com auxílio dos técnicos do herbário e por comparações com amostras do Herbário da UFMT em Barra do Garças. Os nomes científicos e suas respectivas famílias botânicas foram classificados de acordo com o sistema de taxonomia vegetal APG IV (*Angiosperm Phylogeny Group*, 2016).

Para análise quantitativa utilizou-se os cálculos de Nível de Fidelidade (NF), Fator de Correção (FC) e a frequência relativa do uso de cada espécie citada (Pcup %), que expressam o consenso informante e permite avaliar a importância relativa de cada espécie segundo Friedman (1986); Amorozo e Gelly (1988); Albuquerque e Andrade (2002); Pasa (2011, 2014, 2015, 2017), através das equações:

$$NF = \text{Fid} \times 100 / F_{sp}$$

Nível de Fidelidade (NF) consiste na razão entre o número de informantes que sugeriram o uso de uma espécie para uma finalidade

maior (Fid) pelo número total de informantes que mencionaram a planta para algum uso (Fsp), multiplicado por 100. Este cálculo expressa a concordância quanto aos usos principais de cada espécie citada.

$$FC = Fsp / \text{uso mais citado}$$

O Fator de Correção (FC) é dado pela razão entre o número total de informantes que mencionaram determinada planta para algum uso (Esp) pelo número da finalidade de uso mais citada. Este cálculo é feito devido às diferenças no número de informantes que citaram os diferentes usos para cada espécie.

$$Pcup (\%) = NF \times FC$$

A frequência relativa do uso de cada espécie citada $Pcup (\%)$ é operacionalizado pelo produto do Nível de Fidelidade (NF) com o Fator de Correção (FC).

O total de citações (Fsp) e uso principal (Fid) de determinada espécie vegetal influenciam o Nível de Fidelidade. Com um NF alto, o valor da concordância de uso ($PCup\%$) terá um alto resultado, revelando uma expressiva popularidade da planta quanto ao uso na comunidade estudada

(PASA, 2011b).

Os cálculos que são utilizados para importância do uso da flora medicinal, e também espécies alimentares, místico-religiosas, utilizada na construção e outras possíveis categorias de uso.

Esses resultados permitem visualizar a diversidade local de uso terapêutico. O $Pcup$, igual ou maior a 50% do total das espécies citadas pelos informantes, demonstra que a multiplicidade de usos de determinada espécie vegetal tem predomínio de conhecimento e utilização pela população estudada (PASA, 2011b).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO

Foram entrevistados 50 indivíduos (20 homens e 30 mulheres), a maioria feminina, nesta localidade, por serem responsáveis pelas atividades do lar e cuidados com os filhos, proporcionando a permanência da mulher na residência. A ausência do homem é justificável por estar em atividades no campo, trabalhando com gado em grandes fazendas da região.

Quanto à origem dos entrevistados, 42% são do Estado de Mato Grosso, 26% do Goiás, e o restante de Estados como Bahia, Pará, Maranhão, Mato Grosso do Sul e Tocantins (Quadro 1).

QUADRO 1- LOCAL DE ORIGEM DOS ENTREVISTADOS

Origem	Valor Absoluto	Valor Relativo (%)
Mato Grosso	21	42
Goiás	13	26
Outros Estados	16	32
Total	50	100

A faixa etária variou entre 18 e 83 anos, tendo como representante da idade mais avançada o gênero feminino com 83 anos. As faixas etárias predominantes são, primeiramente, entre 50 a 59 anos de idade (34%), seguido de 70 a 80 anos (18%), de acordo com a Quadro 2.

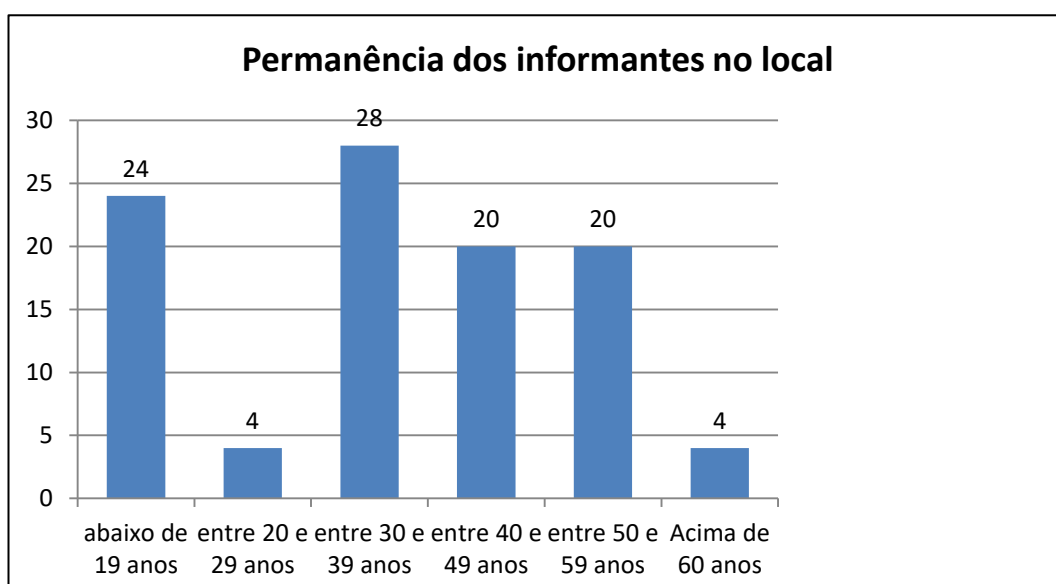
QUADRO 2 – FAIXA ETÁRIA DOS INFORMANTES.

Idade	Valor Absoluto	Valor Relativo (%)
18 a 29	4	8
30 a 39	5	10
40 a 49	5	10
50 a 59	17	34
60 a 69	6	12

70 a 80	9	18
Maior 80	4	8
Total	50	100

A caracterização social e antropológica revela, através do tempo, que a Comunidade é Tradicional, devido ao tempo de permanência no local. O tempo de residência de alguns moradores excede o de criação da comunidade, pois já residiam no local antes da criação do Distrito, portanto, a maioria reside há mais de 40 anos na comunidade (Figura 2).

FIGURA 2 – PERMANÊNCIA DOS INFORMANTES NO LOCAL. 2018.



O nível de escolaridade representou as seguintes categorias: Ensino Fundamental Incompleto e não escolarizado (78%); Ensino Superior (10%); Ensino Fundamental Completo (8%); Ensino médio (2%) e Sem escolaridade (2%).

Em relação às profissões, os resultados de maior significância foram: dona de casa (28%), a sequência serviços prestados nas fazendas da região (14%). Dos entrevistados 34% declararam não exercer qualquer profissão.

Quanto à Religião, foi registrada uma Igreja Católica, duas Evangélica. Há também a Associação Pós Vespertina, com sede própria e com uma filosofia de vida fechada e que não permite contatos. Há

também a presença da Rosa Cruz e a Eubiose, onde as pessoas visitam a Serra do Roncador, especificamente a comunidade Vale dos Sonhos anualmente.

3.2 QUINTAIS PRODUTIVOS

Em todos os quintais produtivos no estudo foram registradas plantas alimentícias e medicinais. Dentre as alimentícias foram encontradas espécies frutíferas nativas e exóticas, além de verduras, legumes e tubérculos. Em mais da metade dos quintais foram registrados de três a mais espécies alimentares em consórcio com plantas medicinais.

Alguns terrenos são delimitados por cercas de arame ou cercas vivas, separando as residências das matas presentes no entorno.

Outra função importante observada que é desempenhada pelas espécies perenes, é o sombreamento, promovendo conforto térmico no espaço social, ocupado pelo quintal.

O número de espécies vegetais cultivadas por quintal visitados variou entre seis e 29 espécies pertencentes a 50 famílias.

Observou-se que os cuidados com o quintal são de responsabilidade tanto dos homens como das mulheres. Os homens se dedicam em geral ao cultivo de subsistência (mandioca, banana, abóbora, cana-de-açúcar, fumo, laranja, limão, jiló, café).

Todos os entrevistados relataram a época de chuva como a mais trabalhosa de lidar com o quintal, principalmente pelo acúmulo de folhas e frutos (como manga) caídos ao chão. Em média, se dedicam de 30 a 60 minutos por dia para sua manutenção. Com os restos das mangas, folhas e demais resíduos vegetais. Observou-se que 38% dos entrevistados queimam os resíduos vegetais e 37% realizam compostagem e 29% descartam os resíduos no lixo.

Apenas três pessoas relataram o uso de defensivos e fertilizantes químicos, o restante usa o adubo orgânico proveniente da decomposição dos resíduos vegetais para fertilização dos cultivos.

O preparo da terra para o plantio nos quintais estudados

obedecem ao calendário etnoecológico, segundo depoimento [“ ...a gente começa a prepara o terreno um pouco antes da chuva ...”].

Sobre o manejo nos quintais, 34% dos entrevistados disseram ter aprendido a plantar com os pais. Na pesquisa foi citada também essa transmissão realizada pelos avós ou, somente pela mãe.

Criam animais 71% dos entrevistados, destes, 43% criam galinha para consumo. Praticamente todas as residências possuem animais domésticos (cachorro e gato).

A Figura 6 mostra o quintal já preparado para o plantio (a) e com a presença de matéria orgânica na terra, proveniente da compostagem realizada (b).



FIGURA 6 – Quintais preparados para o plantio e o uso do composto orgânico para o plantio, Comunidade Vale dos Sonhos, Barra do Garças, MT.

Fonte: Acervo do Autor. 2018.

As espécies frutíferas são predominantes nos quintais estudados sendo registrados o coqueiro (*Cocos nucifera*) em 34% dos quintais, o caju (*Anacardium sp.*) em 24%, banana (*Musa sp.*), goiaba (*Psidium guajava*) e manga (*Mangifera indica*) em 22% dos quintais, e a presença do mamão (*Carica papaya*) em 16% dos quintais. Em trabalhos com quintais produtivos no estado de Mato Grosso pode se observar a ocorrência também representativa destas mesmas espécies como em Carniello et al. (2010); Pasa (2011); Gonçalves e Pasa (2015); Mamede et al. (2015). Na figura 7 observa-se a presença de bananeiras em quintal

pesquisado.

Outras espécies alimentares utilizadas, bastante representativas na pesquisa, foram mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) em 26% dos quintais, pimenta em 16% dos quintais, e o quiabo (*Abelmoshus esculentus* L.) em 15% dos quintais. Pode se observar que em alguns lotes pesquisados as espécies anuais são produzidas em roças, configurando unidades de paisagens diferentes. Na figura 7 observa-se a presença de bananeiras em quintal pesquisado.

FIGURA 7 – *Musa* sp. nos quintais da Comunidade Vale dos Sonhos, Barra do Garças, MT.



Fonte: Acervo da Autora. 2018.

O quintal representa um importante ambiente de socialização e de trabalho na Comunidade Vale dos Sonhos. O quintal como local de produção para o próprio consumo, ou subsistência, foi citado por 43% dos entrevistados. O quintal para o lazer foi relatado por 31%, e para reuniões familiares por 26%, dos entrevistados.

Dos entrevistados, apenas uma pessoa declarou não gostar do local, representada pelo entrevistado mais jovem, o que ressalta a importância dos valores transmitidos, que podem ou não criar um elo entre as gerações, valorizando as raízes culturais e assegurando a continuidade do saber local. Os demais demonstraram amor, carinho e não trocariam o lugar onde vivem, pois é no quintal que ocorrem os

encontros de familiares ou amigos, através de festas comemorativas como aniversário, batizado, casamento, danças culturais e também rezas, benzimentos, etc.

Silva et al. (2016) em sua pesquisa em quintais também evidenciou que a manutenção do quintal produtivo proporciona motivações para além da produção de alimentos como: a questão cultural; econômica; a importância dada a valores, costumes e hábitos rurais, o espaço como ocupação e terapia.

Sobre o transporte de produtos da mata, alguns afirmam que retiram, sendo o interesse por madeira manifestado por 40%, remédios por 34% e orquídeas por 27% e apenas uma pessoa disse coletar sementes.

As plantas coletadas na mata são cultivadas em vasos e depois transplantadas diretamente no solo, observa-se que este arranjo espacial e temporal, promove a estratificação fitofisionômica no ambiente do quintal. De modo geral, os informantes da comunidade mantêm um conjunto heterogêneo de espécies em seus espaços de cultivo nos quintais, plantas com alturas, ramificações e composições foliares diferentes são combinadas num mesmo espaço para que este seja melhor aproveitado, conforme observado na Figura 8.

FIGURA 8 – Estratificação vegetal e área de lazer no quintal.



Fonte: Acervo do Autor.

Pode observar a importância destes quintais como espaço de lazer dessa população, mostrando que a relação com o meio ambiente pode estar caracterizada por um simbolismo inerente ao estilo de vida que estão submetidos. Isto quer dizer que essas relações podem determinar a temporalidade e a ocupação espacial das atividades dos indivíduos locais, sugerindo-lhes organização social e orientando-os nas diferentes formas sustentáveis de manejo do meio ambiente do qual utilizam e dependem.

Quintal é considerado um ambiente de múltiplos usos, inclusive citado por alguns entrevistados como Farmácia Viva, ao proporcionar o uso de plantas como remédio para tratar diferentes afecções orgânicas da família, vizinhos e da população da comunidade em geral.

A Comunidade Vale dos Sonhos, é reconhecida tradicionalmente na região através da venda de ervas medicinais e garrafadas.

Dois moradores entrevistados vendem na Comunidade “remédios naturais” (Figura 9), cultivam essas espécies em seus quintais, por meio de propágulos que foram retirados da mata, e compram também de outros coletores da região, e então fabricam os remédios para o uso e comercialização.

FIGURA 9 – Espécies medicinais comercializadas na Comunidade Vale

dos Sonhos, Barra do Garças, MT.



Fonte: Acervo do Autor.2018.

Um casal de entrevistados declarou andar mais de 100 km para coletar espécie que segundo eles “cada vez tem que ir mais pra longe buscar”, referindo-se, especialmente, a padagia (espécie não identificada), Bignoneaceae, espécie apreciada e largamente comercializada na comunidade, bem como o pau tenente (*Quassia amara* L.), Simaroubaceae, espécies que podem ser observadas na figura 10.

FIGURA 10. Aspecto da comercialização da raiz de *Quassia amara* L..



Fonte: Acervo do Autor

O extrativismo na região tem provocado reduções drásticas da vegetação, tanto pelo processo predatório de exploração, quanto pela falta de conhecimento de propagação das espécies. No entanto pode se observar propágulos e indivíduos dessas espécies nos quintais. Deste modo, a domesticação e o cultivo são alternativas para obtenção da matéria-prima de interesse farmacêutico e redução do extrativismo na região.

É visível o papel social e ambiental que as pessoas de saber tradicional desempenham na Comunidade, ao manejar as plantas medicinais para uso ou comercialização na comunidade local. Na figura 11 pode-se observar um fogão artesanal no quintal onde ocorre a manipulação e beneficiamento das espécies medicinais com a finalidade de extração dos óleos visando a comercialização, principalmente para turistas e moradores da vila.



FIGURA 11 – Beneficiamento de plantas medicinais em quintal produtivo, Comunidade Vale dos Sonhos, MT

Fonte: Acervo da Autora. 2018.

O fogão foi construído no fundo do quintal de Dona Lurdes, uma referência para as pessoas da comunidade, no conhecimento das plantas medicinais e preparo de remédios naturais. O tacho, ao fundo, é encaixado no fogão e a lenha é utilizada como combustível. Segundo a moradora citada, “*economiza muito realizar o preparo dessa forma, porque não utiliza o gás de cozinha e podem ser preparadas grandes quantidades de uma vez*”.

3.3 DADOS ETNOBOTÂNICOS

3.3.1 Espécies e Usos registrados

No total foi registrado uma riqueza de 105 espécies vegetais os quintais da comunidade Vale dos Sonhos em Barra do Garças – MT. Estas 105 espécies estão distribuídas em 45 famílias botânicas, com um total de 1.003 citações para as diferentes etnocategorias de usos emitidas pelos informantes locais.

Entre as espécies de maior ocorrência, destacam-se: *Citrus x limon* (L.) Osbeck (limão), *Plectranthus barbatus* Andr. (boldo), *Manihot esculenta* Crantz (mandioca), *Mangifera indica* L. (manga), *Chamomilla*

recutita (L.) Rauschert. (camomila), *Momordica charantia* L. (Melão-de-São-Caetano), *Myracrodruon urundeuva* (Allemão) Engl. (Aroeira), *Lafoensia pacari* A.St.-Hil. Rauschert. (Mangava-brava), *Coriandrum sativum* L. (coentro), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.), *Allium fistulosum* L. (cebolinha).

Das espécies mais comumente encontradas nos espaços de cultivo, especialmente quintais, estudados em várias regiões do Brasil, destaca-se a mandioca (*Manihot esculenta* Crantz.). O fato de ser espécie de propagação vegetativa e cujo órgão subterrâneo é o produto consumido pelo homem, assegura uniformidade agroecológica a esses sistemas de cultivo (AMOROZO, 2013).

As plantas com maior representatividade incluem-se nas famílias botânicas Lamiaceae (10 sp), Fabaceae (8 sp), Myrtaceae, Solanaceae, Asteraceae, Rutaceae (5 sp cada uma) e Anacardiaceae (4 sp).

Muitas pesquisas ao envolverem estudos etnobotânicos no Cerrado, apresentam dados semelhantes quanto à representatividade das famílias botânicas acima mencionadas, sendo frequentes em estudos sobre quintais, como PASA et al. (2015; 2017) e MOREIRA et al. (2015).

Gonçalves et al. (2015) através de estudo na comunidade Sucuri, em Cuiabá, MT registrou 123 espécies de plantas medicinais distribuídas em 48 famílias botânicas, sendo as mais representativas a Lamiaceae (11 espécies), Fabaceae (9 espécies) e Asteraceae (9 espécies) as quais apresentaram uma multiplicidade de usos medicinais.

As informações sobre os dados botânicos e etnobotânicos das plantas usadas na comunidade tradicional Vale dos Sonhos – Barra do Garças, MT, registram família, nome científico, nome popular, etnocategorias de usos e as afecções orgânicas tratadas com as plantas pela população local, expressos na Tabela 1.

TABELA 1. PLANTAS USADAS NA COMUNIDADE VALE DOS SONHOS.
BARRA DO GARÇAS-MT. 2018

FAMILIA	NOME CIENTÍFICO	NOME POPULAR	DOENÇA
---------	-----------------	--------------	--------

Lamiaceae	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Hortelã	Cólicas, dores musculares, gripe, resfriado.
Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	Doenças cardiovasculares
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Erva Cideira	Calmante, problemas estomacais.
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Inflamação de garganta, febre, dor de dente
Chenopodiaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Mentruz	Vermes, Contusões
Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Resfriado
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramicina	Infecção
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo	Problema de digestão
Polygalaceae	<i>Bredemeyera floribunda</i> Willd.	Pau de Gemada	Alimentar e feridas animais
Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i> L.	Levante/Alevante	Gripe, resfriados, cólica
Asteraceae	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Losma	Vermes, febres
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Dor de ouvido, proteção, místico religiosa
Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	Inflamação, emagrecimento
Liliaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	Queimadura, tratamento capilar,
Gentianaceae	<i>Tachia guianensis</i> Aubl.	Caferama	Circulação, febre
Myristicaceae	<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	Nos moscada	Cólicas, dor de rim, soluço
NI	NI	Sofre do coração quem quer	Doenças cardiovasculares
Viburnaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	Gripe, resfriados, febre, tosse, hemorroidas.
Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão	Dor de garganta
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim Santo	Digestão, fígado, dor de cabeça
Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Boldo sete dores	Vesícula
Asteraceae	<i>Arnica montana</i> L.	Arnica	Circulação, febre, coluna, inflamação.
Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Infecção
Fabaceae	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Mart.) Benth.	Jurema	Inflamação, Proteção/MR
Simaroubaceae	<i>Quassia amara</i> L.	Pau tenete	Estimulante, úlcera, abrir apetite, câncer,
Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Favaca	Aftas, gripes e resfriado.
Zingiberaceae	<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	Gengibre	Dor de garganta, tosse.
Apocynaceae	<i>Aspidosperma tomentosum</i> Mart.	Guatambu	Resfriado, febre, tosse.
Fabaceae	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira	Osteoporose, inflações em geral, dor de garganta, abrir apetite

Siparunaceae	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	Leishmaniose
Lamiaceae	<i>Mentha spicata</i> L.	Vic	Febre/dor de garganta, gripe
Lamiaceae	<i>Mentha crispa</i> L.	Hortelâzinho	Doenças Respiratórias, gripe, febre
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Anador	Dores em geral, gripe, mal-estar no corpo
Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	Dipirona	Dores no corpo, febre, gripe,
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L.	Confrei	Câncer, inflamações em geral
NI	<i>NI</i>	Samaritana	Coração
Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hil.	Didal	Feridas/Infecções
Lauraceae	<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro	Proteção - MR
Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	Açafrão	Vermes, insônia
Pantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Tansagen	Tosse
Malvaceae	<i>Malva sylvestris</i> L.	Marva do Reino	Tosse
Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	Baru	Feridas de animais
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	Alimentar
Cucurbitaceae	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne ex Lam.	Abóbora	Alimentar
Amaryllidaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	Cebolinha	Alimentar
Passifloraceae	<i>Passiflora alata</i> Curtis.	Maracuja	Alimentar/Medicinal
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Alimentar
Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca	Alimentar
Cucurbitaceae	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	Alimentar
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Alimentar
Myrtaceae	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambo	Alimentar
Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco-da-Bahia	Alimentar/Soro
Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	Alimentar
Poaceae	<i>Zea mays</i> L.	Milho	Alimentar
Anacardiaceae	<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Cajamanga	Alimentar
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	Alimentar
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> A. St.-Hil.	Pequi	Alimentar
Sapindaceae	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitomba	Alimentar
Assparagaceae	<i>Sansevieria cylindrica</i> L.	Espada de são jorge	Ornamental/místico religiosa
Musaceae	<i>Musa</i> sp.	Banana	Alimentar
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Alimentar
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	Alimentar
Anacardiaceae	<i>Spondias purpurea</i> L.	Ciriguela	Alimentar
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Alimentar
Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Quiabo	Alimentar
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	Alimentar
Fabaceae	<i>Inga edulis</i> Mart.	Inga	Alimentar
Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tomarino	Alimentar
Solanaceae	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomate	Alimentar
Rutaceae	<i>Citrus x limon</i> (L.) Osbeck	Limão	Alimentar
Arecaceae	<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Açaí	Alimentar

Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	Alimentar
Solanaceae	<i>Capsicum</i> sp.	Pimenta	Alimentar/
Annonaceae	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Mansf.	Graviola	Alimentar/místico religiosa
Fabaceae	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Feijão	Alimentar
Arecaceae	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	Gairoba	Alimentar/Medicinal
Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana-de-açúcar	Alimentar
Moraceae	<i>Morus nigra</i> L.	Amora	Alimentar
Cucurbitaceae	<i>Citrullus lanatus</i> (Thunb.) Mansf.	Melancia	Alimentar
Solanaceae	<i>Solanum gilo</i> L.	Jiló	Alimentar
Myrtaceae	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Jaboticaba	Alimentar
Brassicaceae	<i>Eruca sativa</i> L.	Rucúla	Alimentar
Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	Alimentar
Apiaceae	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nym	Salsa	Alimentar
Solanaceae	<i>Capsicum annum</i> L.	Pimentão	Alimentar
Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Mexirica	Alimentar
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Alimentar
Fabaceae	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Fava	Alimentar
Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Laranja	Alimentar
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam	Jaca	Alimentar
Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Fruta do Conde	Alimentar
Asteraceae	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	Alimentar
Simaroubaceae	<i>Quassia amara</i> L.	Pau de tenente	Anti-inflamatório
Asteraceae	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert.	Camomila	Calmanete, febre, dores
Solanaceae	<i>Nicotiana tabacum</i> L.	Fumo	Calmanete
Rosaceae	<i>Fragaria</i> spp.	Morango	Alimentar
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyne	Canela	Estômago/místico religiosa
Bixaceae.	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Alimentar
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.	Canela de véio	Medicinal(Anti-inflamatório)
Anacardiaceae	<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil.	Cajuzinho do cerrado	Medicinal (gripe)
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva de santa maria	Medicinal (vermes)
Leguminosae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart.	Jatobá	Medicinal (fortifica os ossos)
Myrtaceae	<i>Stenocalyx dysentericus</i> (DC.) O. Berg.;	Cagaita	Alimentar/medicinal (digestão)

3.3.2 Etnocategorias

As etnocategorias de usos das plantas na comunidade Vale dos Sonhos com as maiores frequências de citações são, medicinal com 51,42% e alimentar com 48,57% e místico-religiosa (3,8%) e ornamental (1,9), em relação à citação por categorias, pois a mesma espécie pode ser citada para mais de uma categoria, como pode ser observado na

figura 12.

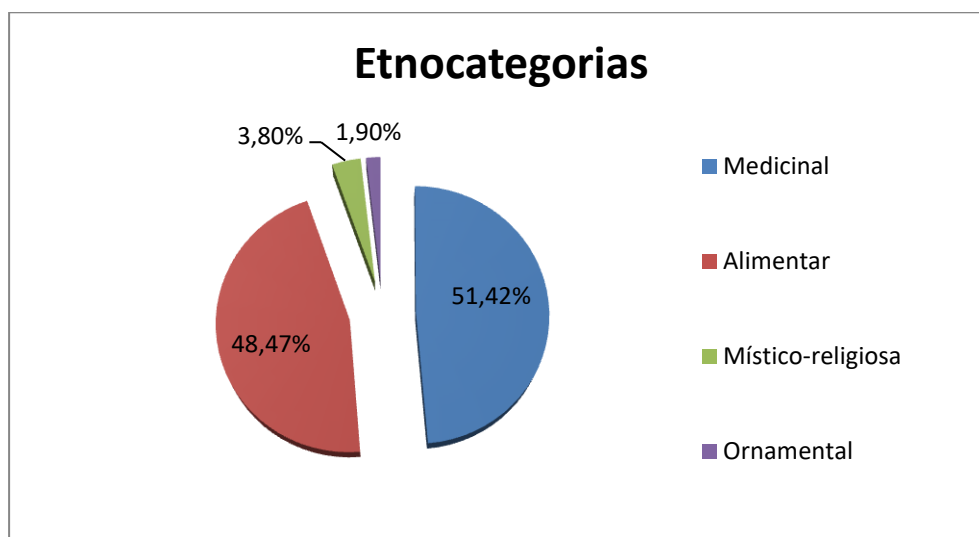


FIGURA 12 – Etnocategorias de uso dos vegetais na Comunidade Vale dos Sonhos, MT

Ferreira (2018), na comunidade Barreirinho em Santo Antônio do Leverger – MT destaca as categorias de uso medicinal (69%), alimentar (24,76%), ornamental (22,33%), mística (8,25%).

As etnocategorias apresentaram números de citações maiores do que o número total de espécimes amostrados, lembrando que um mesmo vegetal pode ter mais de uma utilidade e assim acumular mais de uma etnocategoria. A riqueza de espécies por etnocategoria não respondeu na mesma ordem que a quantidade de citações de cada etnocategoria.

A mesma espécie apresenta usos variados, para diferentes finalidades, e por isso são mencionadas para diferentes categorias de usos, como *Passiflora alata* ao ser usado como alimento, remédio.

Ainda, espécies como *Coffea arabica*, *Capsicum annum*, *Petroselinum crispum* e *Allium cepa*, são cultivos consorciados em vasos nos quintais ou próximo da residência, considerados, também, como ilhas decorativas ornamentais, e de fácil acesso, principalmente para a dona de casa, no preparo de comidas e remédios para a família.

Mimosa tenuiflora (Jurema), usada na comunidade para inflamações em geral, é também citada por Albuquerque e Hanazaki (2006), provavelmente ao alto nível de tanino, e se acredita ter atividade antimicrobiana, segundo os autores e o uso para proteção pessoal (MR)

por Voeks (2017), ao historiar a Diáspora Africana.

As informações quanto ao consenso informante Pcup (%), sobre o uso das plantas como medicinais são amostradas na Tabela 2.

TABELA 2 - VALOR RELATIVO DE CONCORDANCIA QUANTO AO USO DAS PLANTAS CITADAS NA COMUNIDADE VALE DOS SONHOS, BARRA DO GARÇAS, MT

NOME POPULAR	DOENÇA	Fsp	Fid	Nu	NF	FC	Pcup (%)
Hortelã	Cólicas, dores musculares, gripe, resfriado	29	20	3	69	1	69
Mentruz	Vermes, Contusões	16	11	2	69	0,5	38
Erva Cideira	Calmante, problemas estomacais	12	9	2	75	0,4	31
Boldo	Problema de digestão	13	8	1	61	0,5	28
Alecrim	Doenças cardiovasculares	9	7	1	77	0,3	24
Poejo	Resfriado	11	7	1	63	0,4	24
Babosa	Queimadura	9	6	1	67	0,3	21
Romã	Inflamação de garganta	7	4	1	57	0,2	14
Arruda	Dor de ouvido	8	4	1	50	0,3	14
Pau de Gemada	Alimentar e feridas animais	6	2	2	33	0,2	7
Levante/Alevante	Gripe, resfriados, colicas	6	2	1	33	0,2	7
Noni	Inflamação, emagrecimento	3	2	2	67	0,1	7
Sabugueiro	Gripe, resfriados, febre, tosse, hemorroidas	4	2	2	50	0,2	7
Capim Santo	Digestão, fígado, dor de cabeça	5	2	2	40	0,2	7
Favaca	Aftas, gripes e resfriado	3	1	2	67	0,1	7

Terramicina	Infecção	2	1	1	50	0,1	4
Caferama	Problemas Circulatorios, febre	1	1	1	100	0	4
Nos moscada	colicas, dor de rim, soluços	2	1	1	50	0,1	4
Sofre do coração quem quer	Doenças cardiovasculares	2	1	1	50	0,1	4
Terramicina	Infecção	2	1	1	50	0,1	4
Manjericão	Dor de garganta	2	1	1	50	0,1	4
Losma	vermes, febres	1	1	1	100	0,1	3
Boldo sete dores	Vesícula	4	1	1	25	0,2	3
Arnica	Problemas circulatorios, febre, coluna e anti-inflamatório	1	1	1	100	0,1	3
Barbatimão	Infecção	4	1	2	25	0,2	3
Sofre do rim quem quer	Dores de Rins	4	1	2	25	0,2	3
Padagia/Pautenente	Estimulante	5	1	3	20	0,2	3

Fsp = Frequência absoluta dos informantes que citaram a espécie; Fid = Frequência absoluta dos informantes que citaram os usos principais; Nu = Número de usos citados; NF = Nível de Fidelidade = (Fid / Fsp) x 100 FC = Fator de Correção; Pcup = Frequência relativa de concordância quanto aos usos principais

Para as etnocategorias Medicinal e Alimentar a Frequência Relativa do Uso (Fcuo) apresenta valores expressivos no que se refere ao Nível de Fidelidade (NF), com representatividade para as espécies Hortelã (*Mentha x villosa*), mais expressiva (69%), seguido de *Dysphania ambrosioides* (Mentruz) (38%), *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson (erva cidreira), (31%). Na sequência *Plectranthus barbatus* (Boldo), *Rosmarinus officinalis* (Alecrim), *Mentha pulegium* L. (poeijo), *Aloe vera* (Babosa), entre outros.

Na comunidade Vale dos Sonhos foram citadas 36 afecções orgânicas, que são tratadas com plantas medicinais, conforme Tabela 2. As indicações foram agrupadas e distribuídas conforme a Classificação de Doenças, segundo OMS – CID 10 (2000). A folha foi a parte do vegetal mais citada para tratamentos terapêuticos.

Quanto às indicações terapêuticas referidas pelos informantes, as afecções do Sistema Respiratório são expressivas envolvendo sinais e sintomas como, gripe, resfriado, tosse, febre, inflamação de garganta, dor de cabeça, mal-estar e fraqueza.

Aparelho Circulatório também se destaca com problemas cardiovasculares (de cardíacos à vasculares em geral). Problemas de saúde relacionados ao Sistema Gastrointestinal, com destaque para distúrbios estomacais e disfunção biliar, em geral. Para o Sistema Geniturinário, as enfermidades renais em geral, principalmente dores nos rins ocasionados por litíase renal acompanhada de cólica renal.

Entre outras enfermidades citaram, Vermes, Contusões, Emagrecimento, Queimadura, Soluços, Coluna, Aftas, Estimulante, Osteoporose, Leishimaniose, Câncer, Feridas e Insônia.

No trabalho de Miranda, (2018) realizado em Chapada dos Guimarães-MT, foram citadas 62 espécies utilizadas na medicina popular local, sendo mais expressivas *Sambucus nigra* L. (negramina), *Justicia gendarussa* L. e *Plectranthus barbatus* Andr. (boldo) com os maiores valores de consenso informante registrados entre os depoentes (82%). Nesse estudo as principais indicações foram para tratamentos contra inflamações, problemas gástricos, depurativos, sintomas ligados ao sistema respiratório como tosse, bronquite.

Identificou-se 201 espécies vegetais em 36 quintais visitados e citadas também 54 espécies medicinais retiradas da flora local na Comunidade Sucuri, Cuiabá, MT, no trabalho de Gonçalves e Pasa, (2015).

A medicina popular é exercida pelas pessoas da comunidade diariamente, através de conversas e encontros entre amigos e familiares, na forma de transmissão oral, ou pela observação direta de ver fazer ou participar do feitiço do remédio, durante a infância e adolescência em sua própria residência. A busca pela cura das enfermidades é, então, vivenciada de forma natural pelos comunitários no seu cotidiano para curar e prevenir doenças ou distúrbios do corpo e da alma, através das plantas e da cultura local.

3.3.3 Meios de aquisição e propagação das plantas

As plantas que não são nativas do Cerrado como Hortelã (*Mentha x villosa*), Mentruz (*Dysphania ambrosioides*), Erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.)), Boldo *Plectranthus barbatus*, Alecrim (*Rosmarinus officinalis*), entre outros, são adquiridas através de mudas compartilhadas, compradas e trazidas de outros locais até mesmo Estados, como é o caso do coqueiro (*Cocos nucifera*).

O coqueiro está presente em 34% dos quintais da comunidade, e ao analisar a origem dos moradores, 17% vieram dos Estados do Nordeste e trouxeram consigo esta espécie.

As plantas nativas da região são coletadas nos fragmentos de mata nativa ou remanescentes do Cerrado (conforme revelado por 40% dos entrevistados).

A espécie conhecida como pau de tenente e padagia, é encontrada em locais mais afastados da comunidade. Com o passar do tempo, “cada vez se vai mais pra longe”, segundo o mateiro que foi entrevistado e um casal de moradores que fornecem essas raízes para revendedores da comunidade e para Barra do Garças.

As raízes dessas duas espécies citadas são largamente vendidas na região e pode ser um exemplo do uso destrutivo da espécie. Alguns moradores (3) tentaram a propagação destas, mas apenas um deles conseguiu sucesso no resultado, dona Lurdes.

FIGURA 12 – Propagação no quintal da espécie “padagia” trazida da mata nativa



Fonte:autora

Essa motivação de propagar algumas espécies nos quintais reflete a consciência dos mateiros e coletores de que as estas estão se tornando raras. Quando as matas do entorno já não oferecem os recursos que desejam, recorrem a locais mais afastados (mais de 100km) da comunidade, conforme relato do casal de coletores.

4 CONCLUSÃO

Este estudo revela que a comunidade se caracteriza como tradicional e constitui importante ferramenta de registro e documentação dos conhecimentos tradicionais, principalmente sobre as plantas medicinais e alimentares utilizadas na comunidade Vale dos Sonhos-MT.

O conhecimento tradicional sobre o uso da biodiversidade vegetal nos quintais na comunidade local é vasto e transmitido de geração em geração pelas pessoas mais idosas, através da oralidade ou gestual.

Os quintais da comunidade Vale dos Sonhos-MT representam uma unidade de paisagem, modificado pelo ser humano, representando configurações de valores pelos usos múltiplos para saúde, segurança alimentar, qualidade de vida, além de proporcionar um espaço para recreação e encontros familiares.

Estes quintais representam um local para a conservação *in situ* de espécies, como também são locais de propagação de plantas exóticas e nativas do Cerrado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMORIM, R. R.; OLIVEIRA, R. C. As Unidades de Paisagem como uma categoria de análise geográfica: o exemplo do município de São Vicente. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 177-198, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n2/a11v20n2.pdf> />

AKERELE, O.; **Herbal Gram**. v. 28, p. 13, 1993. Disponível em: <<http://cms.herbalgram.org/herbalgram/>> Acesso em: 05 mai. 2016.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; ALENCAR, N. L. **Métodos e técnicas para a coleta de dados etnobiológicos**. In: ALBUQUERQUE, U.P de.; LUCENA, R. F. P de.; CUNHA, V. F. C de. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. São Paulo: NUPEEA, 2010b. p. 39-64.

ALBUQUERQUE, U.P. & ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.16, p. 273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução a Etnobotânica**. Editora Interciência. 2º edição Rio de Janeiro, 2005.

ALBUQUERQUE, U.P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacologia**. São Paulo, v. 16, p. 678-689, 2006.

ALEXIADES, M.N. **Ethnobotany of the Ese Eja: Plants, health, and change in an Amazonian Society**. Ph.D. dissertation, The City University of New York, 464p.1999.

ALMASSY JÚNIOR, A.A.; LOPES, R.C.; ARMOND, C.; SILVA, F. DA; CASALI, V.W.D. **Folhas de chá: Plantas medicinais na terapêutica humana**. Viçosa: Ed. UFV, p. 233, 2005.

ALMEIDA, E.R. **Plantas medicinais brasileiras**. São Paulo: Hemus, 1998.

ALVES, V.F.G.; NEVES, L.J. **Anatomia foliar de *Vernonia polyanthes* Less. (Asteraceae)**. Revista Universidade Rural, Série Ciências da Vida, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p.1-8, 2003.

ALZUGARAY, D.; ALZUGARAY, C. **Flora brasileira**. São Paulo: Três, 1984.

ANDERSON, J. E.; CHANG, C. J.; McLAUGHLIN, J. L. Bioactive components of *Allamanda schottii*. J. Nat. Prod, v. 51, n. 2, p.307-8, 1988.

ANSELMO, A. F.; SILVA, C. G.; MARINHO, M. G. V.; ZANELLA, F. C. V.; XAVIER, D. S. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas por raizeiros em uma feira livre no município de Patos-PB. In: Revista de Biologia e Farmácia – Biofar. Campina Grande, volume especial, 2012.

AMARAL, C.N., GUARIM NETO, G. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Ciências Humanas, Belém, v. 3, n. 3, p. 329-341, 2008.

AMOROZO, M. C. M.; VIERTLER, R. B. **Métodos Participativos na Pesquisa Etnobotânica**. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, V. F. C. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. São Paulo: NUPEEA, p. 65-82, 2010.

AMOROZO, M.C.M. **A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: DI STASI, L.C. Plantas medicinais: arte e ciência. São Paulo: UNESP. p. 47-68, 1996.

AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A.L. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v.4, n.1, p.47–131, 1988.

AMOROZO, M.C.M. Sistemas agrícolas de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade - uma revisão e contribuições. Rio Claro, SP. Botucatu: FCA – UNESP, 2013. 120p.

ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP - **APG IV**. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. *Botanical Journal of the Linnean Society*, 181: 1-20, 2016. Disponível em: <http://reflora.jbrj.gov.br/downloads/2016_GROUP_Botanical%20Journal%20of%20the%20Linnean%20Society.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.

ARRUDA, R.S.V.; SILVA, V.C.F; FIGOLS, F.A.B.; ANDRADE, D. Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. In: DIEGUES, A.C. (Org.). Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil. São Paulo: NUPAUB, USP, PROBIO, MMA, CNPq, 2000. 211 p.

ÁVILA, G; PASA, M.C. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. *Interações*, Campo Grande, MS, v. 11, n. 2, p. 195-204, jul.- dez. 2010.

AZAIZEH H, FULDER S, KHALIL K, SAID O. Ethnomedicinal knowledge of local Arab practitioners in the Middle East Region. **Fitoterapia**, v. 74, p. 98–108, 2008.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E.M.B. **Snowball (Bola de Neve): uma técnica**

metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. X Congresso Nacional de Educação – EDUCRE/I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação - SIRSSE. Curitiba, PR, 7ª 10 de novembro, Anais, p.329-41, 2011.

BANDEIRA, A. S. **Etnoconhecimento da utilização de plantas medicinais nos municípios polarizados por Pombal – PB.** Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Pombal – PB, 86p, Dissertação de mestrado em Sistemas Agroindustriais, 2014.

BARG, D. G. **Plantas tóxicas** [Trabalho acadêmico]. São Paulo: Faculdade de Ciências da Saúde de São Paulo, Curso de Fitoterapia; 2004.

BARREIRO, E.J. Sobre a química dos remédios, dos fármacos e dos medicamentos. **Química Nova na Escola**, N. 3, p. 4-9, 2001.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente (MMA). Disponível em: <http://www.mma.gov.br>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

CABALLERO, J. **La Etnobotânica.** In: A. Barrera (ed.). La Etnobotânica: tres puntos de vista y una perspectiva. Xalapa: INIREB. p. 27-30, 1979.

CARNIELLO, M. A. et al . Quintais urbanos de Mirassol D'Oeste-MT, Brasil: uma abordagem etnobotânica. **Acta Amaz.**, Manaus , v. 40, n. 3, p. 451-470, Sept. 2010.

CAVAGLIER, M.C.S.; MESSEDER, J. C. Plantas Medicinais no Ensino de Química e Biologia: Propostas Interdisciplinares na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 14, n.1, 2014.

CAVALCANTE, Matuzalem. Formação territorial, agronegócio e atuais mudanças na estrutura fundiária de Mato Grosso. **Revista NERA** (Núcleo de Estudos Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária) – ano 9, nº 8, 2006. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/08/Cavalcante.PDF> > Acessada em 10 ago. 2013, 11:07.

CAVINATTO, V. **Caracterização Hidrográfica do Estado de Mato Grosso. Cuiabá:** Prodeagro/Seplan/Sema-MT, 1995. 537 p.

COLEMAN, J. S. Snowball sampling: Problems and techniques of chain referral sampling. **Human Organization**, v. 17, p. 28-36, 1958.

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL (CI-BRASIL). Hotspots: As Regiões Biologicamente Mais Ricas E Ameaçadas Do Planeta. 1999. 14p. Disponível<<http://www.conservation.org/global/brasil/publicacoes/Pages/livros.aspx>>. Acesso em 09 ago. 2016.

COSTA, T. N. **Avaliação da toxicidade aguda e subcrônica do *Aspidosperma subincanum* (Apocynaceae) em camundongos.** Universidade Federal de Goiás – UFG. Goiânia – GO, 68p, Dissertação de mestrado em Ciência Animal, 2013.

COUTINHO, L. M. O conceito de bioma. **Acta Botânica Brasílica**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 13-23, 2006.

CRESTANA, C.M.S. & BELTRATI, C.M. Morfologia e anatomia das sementes de *Copaifera langsdorffii* Desf. (Leg.-Caesalpinioideae). **Naturalia**, v. 13, p. 45-54, 1988.

DAVID, M.; PASA, M. C. As plantas medicinais e a etnobotânica em Várzea Grande, MT, Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 97-108, 2015.

DAVIS, E. W. "**Ethnobotany: An old Practice, A New Discipline**" in "Ethnobotany (Orgs.): Evolution of a Discipline", Schultes, R.E. e Von Reis, S., Dioscorides Press, Portland, Oregon, E.U.A. 1995.

DEVIIENNE, K.F.; RADDI, M.S.G.; POZETTI, G.L. Das plantas medicinais aos fitofármacos, **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v. 6, n.3, p. 11-14, 2004.

DIAS, J.E.; LAUREANO, L.C. (Coord.). Farmacopéia popular do Cerrado.1. ed. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2010. 352 p.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** São Paulo: NUPAUB – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP, 2000.

DIEGUES, A. C. A. et al. **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil.** São Paulo: NUPAUB, USP, PROBIO, MMA, CNPq. 2000. 211p. Disponível em: < <http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3810>>. Acesso em: 04 set. 2014.

DULI, J. L. B. **Estudo sobre as estratégias utilizadas pelos alunos na resolução**

DI STASI L.C. **Plantas medicinais: verdades e mentiras: o que os usuários e os profissionais de saúde precisam saber.** São Paulo: Editora UNESP; 2007.

DIAGO, O. L. S. La etnobotánica y su contribución a la conservación de los recursos naturales y el conocimiento tradicional. In: LAGOS-WITTE, S. (Ed.). **Manual de Herramientas Etnobotánicas relativas a la Conservación y el Uso Sostenible de los Recursos Vegetales.** p. 37-60, 2011.

DUBOIS, J. C. L., VIANA, V. M. **Manual agroflorestal para a Amazônia**. Rio de Janeiro, Brasil: REBRAF. 1996.

ELDIN, S.; DUNFORD, A. **Fitoterapia na atenção primária a saúde**. São Paulo: Manole; 2001.

ELISABETSKY, E. Pesquisa em plantas medicinais. **Revista Ciência e Cultura**. V. 39, N. 8, P. 697-702, 1987.

ELIZABETSKY, E. Etnofarmacologia. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v.55, n.3, p.35-36, 2003.

FALEIRO, J. H. et al. The Chemical Featuring, Toxicity, and Antimicrobial Activity of *Psidium cattleianum* (Myrtaceae) Leaves. **New Journal of Science**, v. 2016, 8p.

FAO (FOOD AND AGRICULTURAL ORGANIZATION OF UNITED NATIONS). Forest resources assessment. **Forestry paper**, v. 112, Italy, FAO, 1993.

FELFILI, J. M.; et al. Fitossociologia no Brasil: métodos e estudos de caso. Viçosa, MG: Ed. UFV, 2006.

FERREIRA, A. L. S.; BATISTA, C. A.; PASA, M. C. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola Mata Cavalo em Nossa Senhora do Livramento – MT, Brasil. **Biodiversidade**, v. 14, n. 1, p. 151-160, 2015.

FIEBIG, G.A.; PASA, M.C. A Etnobotânica na Comunidade Passagem da Conceição em Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v.15, n.2, p.101-123, 2016.

FIGUEIRA, A. C.; BRITO, A.; SILVA, G. A. Avaliação da toxicidade de plantas medicinais brasileiras por meio do bioensaio com *Artemia salina*. **JIC - Jornada de Pesquisa e Iniciação Científica**, v. 3, n. 3, p. 11-23, 2012.

FIOCRUZ/SINITOX. Fundação Osvaldo Cruz. **Sistema Nacional de Informações Tóxico Farmacológicas**, 2009. Disponível em: <<http://sinitox.icict.fiocruz.br/dado>>

FLORA DO BRASIL. SOARES, P. N., DEMATTEIS, M. 2015. *Vernonia* in Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em:

<<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/ConsultaPublicaUC>>. Acesso em 22 jun. 2017.

FONSECA, G. Os 17 países da megadiversidade. Ed. Tricontinental, 33. ed., mar./abr. 1998. Disponível em: <<http://www.eco21.com.br/edicoes/edicoes.asp?edi%E7%E3o=33>>.

Acesso em 24 ago 2018.

FONSECA-KRUEL, V. S.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo, RJ, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, n. 1, p. 177-190, 2004.

FREITAS, C. V.; OLIVEIRA, P. E. Biologia reprodutiva de *Copaifera langsdorffii* Desf. (Leguminosae, Caesalpinioideae). **Revista Brasileira Botânica**, v.25, n.3, p.311-321, 2002.

FREIXO, A.A.; TEIXEIRA, A.M.F. Descortinando o cotidiano de velhos agricultores do sisal: memória e topofilia no semi-árido baiano. **Congresso Latinoamericano de Sociología Rural**, Porto de Galinhas, 8. Anais, 2010.

FRIEDMAN, J. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of ethnopharmacology field survey among bedouins in the Negev desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 16, n. 2-3, p. 275-287, 1986.

FRIEDMAN, J. et al. A preliminary classification of the healing potential of medicinal plants, based on a rational analysis of an ethnopharmacological field survey among bedouins in the negev desert, Israel. **Journal of Ethnopharmacology**, v.16, n.1, p.275-87, 1986.

FRUTUOSO, V.S. et al. Analgesic and anti-ulcerogenic effects of a polar extract from leaves of *Vernonia condensata*. **Plant Medicinal**, v.60, n.1, p. 21-25, 1994.

GARCIA, B. N. R., VIEIRA, T. A., E OLIVEIRA, F. A. (2015). Quintais agroflorestais e segurança alimentar em uma comunidade rural na Amazônia Oriental. **Rev. Fac. Agron. La Plata**, 114(1), 67-73.

GENEVIEVE, B. Looking across the Atlantic: Using ethnographic methods to make sense of Europe. *Intel Technology Journal*, v.5, n. 3, p.1-10, 2001.

GONÇALVES, K. G.; PASA, M. C. A etnobotânica e as plantas medicinais na Comunidade Sucuri, Cuiabá, MT, Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 16, n. 2, p. 245-256, 2015.

GEERTZ, Clifford, 1926A interpretação das culturas / Clifford Geertz. - l.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GUARIM NETO, G.; AMARAL, C. N. Aspectos etnobotânicos de quintais tradicionais dos moradores de Rosário Oeste, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**. v. 29. México, p. 191-212, 2010.

HORÁK, M. Introdução. In: HORÁK, M. (Ed.). *Etnobotânica y Fitoterapia en América*. 1. ed. Brno, República Checa: Universidad de Mendel em Brno, 2015. p. 15-24.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGECidades** <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>> consulta 12/02/2019.

ICMBIO Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Projeto Corredor Ecológico no Jalapão**. <http://www.icmbio.gov.br/projetojalapao/pt/biodiversidade-3/fitofisionomias.html?showall=&start=6> consulta 04/04/2019.

KFFURI, C.W. **Etnobotânica de plantas medicinais no município de Senador Firmino (Minas gerais)**. 2008. 88f. (Magister Scientiae em Fitotecnia). Programa de pós-graduação em Fitotecnia, Universidade de Viçosa, Viçosa.

LARAIA, R. B. *Cultura: um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: JorgeZahar Ed., 1986. 116p.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. Nova Odessa: Ed. Plantarium, 1992. 352p. LORENZI, H. **Árvores brasileiras: Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil**. v.1, 3ª ed. Nova Odessa. Editora Plantarium, 352p, 2000.

LORENZI, H. et al. **Árvores Exóticas do Brasil: Madeiras, Ornamentais e Aromáticas**. Nova Odessa: Instituto Plantarium, 2003. 382 p.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. São Paulo: Instituto Plantarium; 2002.

MMA Ministério do Meio **Ambiente O Bioma Cerrado** <<http://www.mma.gov.br/biomas/cerrado.html>> consulta 04/04/2019.

MACEDO, M.; CARVALHO, J.M.K.; NOGUEIRA, F.L. **Plantas medicinais e ornamentais da área de aproveitamento múltiplo de Manso, Chapada dos Guimarães, Mato Grosso**. Cuiabá: Ed. da UFMT, p. 188. 2002.

MAMEDE, J. S. dos S. et al.; "Os quintais e as manifestações culturais da comunidade São Gonçalo Beira Rio, Cuiabá, MT". In: **Biodiversidade**, 2015, vol 14, n.1, p.168-182.

MINAYO, M. C de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOBOT. Missouri Botanical Garden. Disponível em: <://www.tropicos.org>. Acesso em: 22 mai. 2018.

MOREIRA, R. P. M.; GUARIM NETO, G. A Flora Medicinal dos Quintais de Tangará da Serra, Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade** - v.14, n.1, p. 63 – 83, 2015.

NAIR, P.K.R. Homegardens. In: NAIR, P.K.R. An introduction to agroforestry. Dordrecht / Boston / London: **Kluwer Academic Publishers**, 1993. p. 85-98.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. **CID - 10: Classificação estatística Internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. 10.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2000. 354p.

PALUDO, R., COSTABEBER, J. A. Sistemas agroflorestais como estratégia de desenvolvimento rural em diferentes biomas brasileiros. **Revista Brasileira de Agroecologia**, 7(2) 63-76. 2012. PASA, M. C. Abordagem etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açú, Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**. México, v. 31, p.169-197, 2011.

PASA, M.C. **Etnobiologia de uma comunidade Ribeirinha no alto da bacia do rio Árica Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**. 2004. 174f. Tese (Doutorado em Ecologia e recursos naturais) Centro de ciências biológicas e da saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. SP.

PASA, M.C.; SOARES, J.J.; GUARIM NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade Conceição-Açú (alto da bacia do rio Aricá-Açú, MT, Brasil). **Acta bot. bras.** v. 19, n. 2, p. 195-207, 2005.

PASA, M.C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. **Cienc. Hum., Belém**, v. 6, n. 1, p.179-196, jan.- abr. 2011a.

PASA, M.C. Abordagem etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açú. Mato Grosso, Brasil. **Polibotânica**, n. 31, p. 169-197, mar. 2011b

PASA, M. C.; DAVID, M.; FIEBIG, G. A.; NARDEZ, T. M. B.; MAZIERO, E.

L. A etnobotânica na comunidade quilombola em Nossa Senhora do Livramento. Mato Grosso, Brasil. **Biodiversidade**, v.14, n. 2, p. 2-14, 2015.

PASA, M. C., ZURRA. R.M.O, DAVID. M.D. Múltiplos Olhares sobre a Biodiversidade. In: Pasa MC & David MD (orgs.) **Caminhando com os ribeirinhos pela Amazônia Brasileira**. Edufmt, Carlini & Caniato SP. 2017 5: 537-548. DOI: 10.29142qmosb5-30.

PIRANI, J. R., THOMAS, W. W. 2015. Simaroubaceae in Lista de Espécies da Flora do Brasil. **Jardim Botânico do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB1315>>. BFG. Growing knowledge: an overview of Seed Plant diversity in Brazil. Rodriguésia, v.66, n.4, p.1085-1113. 2015. (DOI: 10.1590/2175-7860201566411) <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB1315>>. Acesso em: 26 Fev. 2019.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypotheses tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, n. 1, p. 15-32, 1993a.

PINTO, A.C. et al. Produtos naturais: atualidade, desafios e perspectivas. **Química Nova**, v.25, p. 45 - 61, 2002.

POSEY, D. A. Ethnoentomology of the Kayapó Indians of Central Brazil. **Journal of Ethnobiology**., v.1, n.1, p. 167-174, 1981.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. Fitofisionomias do bioma Cerrado. In.: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. (eds.) **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina: Embrapa - CPAC. 1998. p. 89-166.

RIBEIRO, J. F.; WALTER, B. M. T. As matas de galeria no contexto do bioma Cerrado. In.: RIBEIRO, J. F.; FONSECA, C. E. L.; SOUSA-SILVA, J. C. (eds.). **Cerrado: caracterização e recuperação de Matas de Galeria**. Planaltina: Embrapa Cerrados. 2001. p. 29-47.

ROCHA, J.A.; BOSCOLO, O.H.; FERNANDES, L.R.R.M.V. Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional. **Interações, Campo Grande**, v. 16, n. 1, p. 67- 74, jan.- jun. 2015.

ROSS, J. L. S. O registro cartográfico dos fatos geomórficos e a questão da taxionomia do relevo. **Revista do Departamento de Geografia da USP**. São Paulo: n. 6. 1992. 17-29p.

SAWYER, D. et al. Perfil do Ecossistema: Hotspot de Biodiversidade do Cerrado. 2016. 495p.

SILVA, A. C. G. F.; ANJOS, M. C. R.; ANJOS, A. Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser. **Guaju**, Matinhos - PR, v.2, n.1, p. 77-101, jan./jun. 2016.

SILVA, C. B.; SANTOS, B. S.; SANTOS, I. P.; LIMA, V. L. M. **Estudo da citotoxicidade de *Indigofera suffruticosa* Mill sobre *Artemia salina***. Resumos Expandidos do I CONICBIO / II CONABIO / VI SIMCBIO, v. 2, 10p. Universidade Católica de Pernambuco - Recife - PE - Brasil - 11 a 14 de novembro de 2013.

SOARES, A. C., Se não fizer bem, mal também não fará. **Revista Eletrônica de Ciências**, v. 12, 2002.

SOARES, G.L.G. & VIEIRA, T.R. Inibição da germinação e do crescimento radicular de alface (cv. "Grand Rapids") por extratos aquosos de cinco espécies de Gleicheniaceae. **Floresta e Ambiente**, v. 7, n. 1, p. 180-197, 2000.

STEENBOCK, W. **Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público**. In: KUBO, R.R.; BASSI, J. B.; SOUZA, G.C.de; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M. de; ALBUQUERQUE, U.P.de. **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: NEPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, v. 3, p. 65-84, 2006.

TAQUEDA, C.S. **A etnoecologia dos jardins-quintais e seu papel no sistema agrícola de populações quilombolas do Vale-do-Ribeira, São Paulo**. 2009. (Mestrado em Ecologia). Departamento de ecologia do Instituto de Biociências. Universidade de São Paulo, São Paulo.

TSUKAMOTO FILHO, A. A. Introdução do palmito *Euterpe edulis* Mart. em sistemas agroflorestais em Lavras – MG. Dissertação de Mestrado. **Lavras**. 1999. 149p.

WHA. World Health Association. **Division of mental health**. Qualitative Research for Health Programmes. Geneva, 1994.

VICKENS, G.E. **Economic Botany: Principles and Practices**. Springer. 538p. 2001.

VOEKS, R. A. 2017. Ethnobotany. **Internacional Encyclopedia Geography**. John Wiley & Sons (editors). 2017. DOI: 10.1002/9781118786352.wbieg0300



APÊNDICE I

TERMO DE ANUÊNCIA PRÉVIA - TAP

Pesquisa: Etnobotânica e Saberes Tradicionais na Comunidade Vale dos Sonhos em Barra do Garças – Mato Grosso, Brasil

Objetivo da Pesquisa: Realizar levantamento etnobotânico sobre as espécies vegetais utilizadas na comunidade para as diferentes etnocategorias de usos. Para as espécies medicinais, registro das finalidades de usos, o manejo e preparo de remédios no tratamento das afecções orgânicas referidas.

Pesquisadores:

Mestrando: Fabíola Dalla Vechia (UFMT)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria Corette Pasa (UFMT)

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a. Flora Ferreira Camargo

Ficha de Campo N^o: _____

Família N^o: _____

Nome da Comunidade: _____

Nome do entrevistador: _____

Cuiabá – MT ____/____/____



APÊNDICE II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

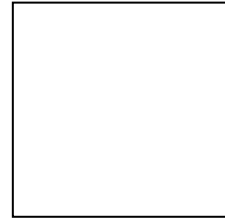
Convidamos o (a) Sr. (a) para participar da Pesquisa **“Etnobotânica e Saberes Tradicionais na Comunidade Vale dos Sonhos em Barra do Garças – Mato Grosso, Brasil”**, sob a Coordenação da **Prof.^a Dr.^a Maria Corette Pasa (PPGCFA/UFMT)** tendo como pesquisador a Mestranda **Fabíola Dalla Vechia, orientada pela Prof.^a Dr.^a Maria Corette Pasa (PPGCFA/UFMT) e Co-orientado pela Prof.^a Dr.^a Flora Ferreira Camargo**, a qual pretende fazer um levantamento sobre o conhecimento e o uso local de plantas, principalmente medicinais, incluindo as finalidades de usos, a coleta, preparo de remédios e os efeitos encontrados no tratamento de doenças.

Sua participação é **voluntária** e se dará por meio de entrevista para a obtenção de dados referentes as características socioeconômicas, conhecimentos sobre plantas, nome comum de espécies utilizadas e suas indicações terapêuticas.

Eu, _____, fui informado sobre a pesquisa que está sendo feita em nossa comunidade e porque precisam da minha colaboração. Estou satisfeito com a explicação que me deram e apenas terei que dar informações socioeconômicas e sobre o uso de plantas. Minha participação é voluntária e por esta razão assino este documento, emitido em duas vias assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Data: __/__/____

Assinatura do entrevistado



Assinatura do Pesquisador Responsável

Impressão do dedo polegar,
caso não saiba assinar

APÊNDICE III

ENTREVISTA

NOME

SEXO

IDADE:

ESTADO DE ORIGEM:

GRAU DE INSTRUÇÃO:

QUANTO TEMPO RESIDE NO LOCAL?

NÚMERO DE PESSOAS NA FAMÍLIA:

QUE ATIVIDADE EXERCE ATUALMENTE?

QUAIS AS PLANTAS QUE VOCÊ CONHECE?

TEM PLANTAS QUE CURAM? QUAIS
SÃO? CRIAM ANIMAIS? QUAIS?

QUE TIPOS DE CULTIVOS POSSUEM NA
PROPRIEDADE?

DADOS DO IMÓVEL

FORMA DE APROPRIAÇÃO DO IMÓVEL:

() PROPRIETÁRIO () ALUGUEL () MORA DE FAVOR () OUTRO DOCUMENTO
QUE POSSUI: _____

DIMENSÃO DO IMÓVEL: _____

ÁREA CONSTRUÍDA: _____

ÁREA DE (QUINTAL): _____ OUTRAS ÁREAS: _____

LOCALIZAÇÃO DO QUINTAL:

() FUNDOS () AO LADO () NA FRENTE () OUTRO

LOCAL DADOS DO QUINTAL

PLANTA NO QUINTAL? () SIM () NÃO

HA QUANTO TEMPO? PQ?

QUAIS AS PLANTAS REMANESCENTES DA VEGETAÇÃO NATURAL? _____

QUEM CUIDA DO QUINTAL? _____

QUANTO TEMPO GASTA DIARIAMENTE CUIDANDO DO QUINTAL? _____

QUAL ÉPOCA DO ANO TEM MAIS TRABALHO COM O QUINTAL? _____

ALGUMA PLANTA NASCEU ESPONTANEAMENTE? _____

PELA EXPERIÊNCIA QUE POSSUI QUAIS AS PLANTAS QUE PODEM SER PLANTADAS JUNTAS? _____

COMO PLANTA? (CONHECIMENTO EMPREGADO): _____

COM QUEM APRENDEU A PLANTAR? _____

O QUE FAZ COM AS FOLHAS E RESTOS DE CAPINAS DO QUINTAL?

() QUEIMA () JOGA NO LIXO () FAZ ADUBO (COMPOSTO) () OUTRO

CASO FAÇA COMPOSTO, EXPLICAR COMO ? _____

COMPRA ALGUM INSUMO PARA USAR NO QUINTAL? () NÃO () SIM
QUAIS? _____

CULTIVAM PLANTAS EM OUTRAS ÁREAS DA RESIDÊNCIA? () SIM () NÃO
ONDE? QUAIS? PARA QUE?

CRIA ANIMAIS NA RESIDÊNCIA? () SIM () NÃO
QUAIS AS ESPÉCIES? QUANTIDADE

INSTALAÇÕES: () CERCADO () SOLTO
ALIMENTAÇÃO:

QUAL É A IMPORTÂNCIA DOS ANIMAIS NA VIDA DO SR(A)?

USA OS RESÍDUOS: () NA HORTA ()NAS FRUTEIRAS

() NAS ORNAMENTAIS () VENDE

OUTRAS UTILIDADES DAS PLANTAS NO QUINTAL: _____

DADOS SOBRE ATIVIDADES REALIZADAS NO QUINTAL

É COSTUME REUNIR NO QUINTAL? () SIM () NÃO

PARA QUE? _____

OUTRAS ATIVIDADES NO QUINTAL (POR QUE?): _____

QUAL A IMPORTÂNCIA DO QUINTAL PARA O SR.(a)? _____

VOCÊ JÁ TIROU/TIRA PRODUTOS DA MATA _____

QUAIS AS PLANTAS? PARA QUE SERVEM? COMO SÃO USAD

